



**Anais do 5º Congresso
Pratique Psi: "Processos
Psicossociais: práticas e
contextos"**

O curso de graduação em Psicologia da Faculdade Sobresp de Santa Maria promoveu nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2023, a 5ª edição do Congresso Pratique Psi, que neste ano trouxe como temática: "**Processos Psicossociais: práticas e contextos**".

O Congresso ocorreu nos dias 21 e 22/11/2023, no Park Hotel Morotin - BR-287, 1981 - Camobi, Santa Maria - RS. Já, no dia 23/11/2023, foram realizadas oficinas temáticas e exposição de trabalhos no Campus Medianeira da Faculdade Sobresp – Santa Maria, Avenida Nossa Sra. Medianeira, 1547.

Programação do evento:

Dia 21/11 – Park Hotel Morotin:

18h - Credenciamento.

19h - Abertura do Evento e Momento Cultural.

19:30h - Palestrante convidado: Dr. Pedrinho Arcides Guareschi

Título: "*Psicologia diante do novo universo midiático enquanto influência social*".

Graduado em Filosofia, Teologia e Letras, Especialista em Sociologia (PUCRS), Mestre e Doutor em Psicologia Social pela University of Wisconsin at Madison, possui Pós-doutorado no Departamento de Ciências Sociais da University of Wisconsin at Madison, Pós-doutorado no Departamento de Ciências Sociais da University of Cambridge – Inglaterra, Pós-doutorado no Departamento de Psicologia da Università degli Studi La Sapienza – Roma e Pós-doutorado na Universidad la Habana, Cuba. Atualmente é professor colaborador do Mestrado Profissional em Psicologia (UNISC), conferencista internacional e pesquisador.

20:30h - Coffe Break.

20:45h - Palestrante convidada: Esp. Franciele Santi Manfio Elgelmann

Título: "*O trabalho e suas conexões com a saúde emocional*".

Psicóloga, especialista em Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional e Especialista em Psicologia Jurídica, Certificada em Coaching e Diretora das áreas de Pessoas & Cultura e Educação Corporativa do Grupo Voalle. Com experiência de 20 anos na área organizacional, já atuou como Líder de RH e Consultora de Gestão de Pessoas adquirindo experiências relevantes na área de Gestão de Pessoas e rotinas

administrativas de RH, além da Gestão da Inovação, da Gestão do Conhecimento e da Gestão da Qualidade e Planejamento Estratégico.
22h – Encerramento.

Programação do evento:

Dia 22/11 - Park Hotel Morotin:

19h - Abertura do Evento e Momento Cultural.

19:30h - Palestrante convidado: Dr. Tadeu de Paula Souza

Título: *“Saúde Mental, Subjetividade e Racismo: desafios clínicos e políticos”*.

Psicólogo, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, Doutor em Saúde Coletiva, na área de Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Dept. de Saúde Coletiva e da Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – UFRGS) e membro da coordenação nacional da Frente Nacional de Negras e Negros da Saúde Mental (FENNASM).

20:30h - Coffe Break.

20:45h - Palestrante convidada: Dra. Ana Cristina Garcia Dias

Título: *“Desenvolvimento Psicológico em situações de risco”*.

Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano USP/SP - Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia UFRGS, Especialista em Terapia Cognitivo a comportamental e em especialista em processos de ativação em saúde. Bolsista de Produtividade 1C – CNPq.

22h – Encerramento

Programação do evento:

Dia 23/11 - Campus Medianeira da Faculdade Sobresp – Santa Maria

19h - Oficinas Temáticas:

- Risco de Suicídio: avaliação e manejo com a Psicóloga Me. Vanessa Mostardeiro: Mestre em Psicologia, Neuropsicóloga Clínica, Psicopedagoga Clínica e Institucional e especialista em Terapia Cognitivo Comportamental (TCC).
- Prevenção ao adoecimento mental relacionado ao trabalho com a Psicóloga Esp. Sâmia Cristiane Ciliato: Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas, Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade

Franciscana (2022), Formação em Analista Comportamental PDA pela Grou GP (2019) e Certificação Internacional em 6Ds pela Afferro Lab (2020).

- Intervenções em contextos de vulnerabilidade social com o Psicólogo Alex Barcelos Monaiar: Especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional da UFSM, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Servidor Público no CAPS Prado Veppo e membro do conselho municipal de saúde.
- Feminismo, saúde mental e violência de gênero com a Psicóloga Me. Larissa Goya Pierry: Especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional da UFSM (2018), Especialista em Clínica Psicanalítica pela UFN (2021), Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM (2023) e doutoranda em Psicologia na UFSM.

20:30h - Apresentação dos trabalhos (pôsteres).

21:30 – Confraternização de encerramento do evento.



IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO AOS PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM CÂNCER NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE

¹ ELISANDRA COGO

² TAINARA OLIVEIRA ANDRETI

RESUMO: Atualmente no estado do Rio Grande do Sul, há um índice gradual de pacientes diagnosticados com câncer, segundo o Ministério da Saúde estima-se mais de 157 mil pessoas entre homens e mulheres a serem diagnosticadas até o final de 2023. Dentro dos inúmeros diagnósticos, vamos destacar neste trabalho sobre o câncer que acomete pacientes do sexo feminino, onde dos 157 mil casos, cerca de 9 mil são casos de câncer do colo de útero e de mama. Para conduzir este trabalho, viu-se a importância do psicólogo estar presente no tratamento de pacientes diagnosticados com câncer, expondo a importância também de um acompanhamento, visto a influência de fatores sobre o desenvolvimento, o tratamento e a reabilitação do câncer, com atenção especial se esse paciente tem apoio familiar e/ou de um cônjuge. Receber qualquer diagnóstico já é motivo de pânico, a confirmação de câncer soa a morte, mesmo com avanços cirúrgicos e farmacológicos, a notícia de ter câncer vem geralmente como algo fatal. A impotência após descoberta, traz consigo sentimento de desesperança, desamparo e isolamento, confirma-se que o acompanhamento psicológico juntamente com o tratamento pode ajudar nesse processo. Conforme salienta Gimenes (1994), foi a partir de pesquisas realizadas por diferentes abordagens psicológicas em torno de relações entre personalidades, padrões comportamentais e câncer, que surgiu a preocupação destes pacientes terem acompanhamento. Portanto, o objetivo deste trabalho é discutir acerca da importância da atuação do psicólogo junto de pacientes em tratamento oncológico, com relevância de serem encaminhados para um acompanhamento desde o dia em que o mesmo receba o diagnóstico e por fim acompanhá-lo no decorrer do tratamento. Lamentavelmente, no Brasil, a saúde pública nem sempre consegue disponibilizar a atenção necessária, e os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) por vezes sofrem percalços para obterem – e nem sempre obtêm – o tratamento que deveriam ter por direito. Na busca de embasamento teórico, procuramos sobre a importância do acompanhamento de um psicólogo a pacientes em tratamento oncológico desde o começo do diagnóstico e não somente quando chega aos cuidados paliativos. A busca foi feita na base de

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia Faculdade SOBRESP.

² Orientadora, Psicóloga, Mestre em Psicologia-UFSM, Docente do curso de Psicologia Faculdade SOBRESP.

dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) pelos descritores: Câncer e acompanhamento Psicológico, foram utilizados os seguintes filtros: idiomas em Português e artigos dos últimos 5 anos, foram encontrados 11 artigos, sendo dois compatíveis com o objetivo do estudo, os demais que foram descartados pois somente abordavam no contexto acompanhamento a pacientes terminais e não é o foco do trabalho em questão, onde na revisão das poucas literaturas publicadas, comenta-se sobre a atuação de psicólogo nos cuidados paliativos, neste caso, a fim de confortar o paciente para que o mesmo reflita sobre sua vida e compreenda que a morte é parte integrante da vida, auxiliando na sua despedida e da família e também sobre os aspectos psicológicos enfrentados pelos pacientes.

O estudo citado, tem em vista o amplo campo para desenvolvimento de pesquisa, onde pode incluir relatos com pacientes e casos clínicos com psicólogos, a fim de identificar se a intervenção psico-oncológica, inicial ou tardio interfere no cotidiano.

REFERÊNCIAS:

GIMENES, M. G. G. Definição, foco de estudo e intervenção. In: CARVALHO, M. M.; CARVALHO, M. J. (Org.). *Introdução à Psiconcologia*. São Paulo: Editorial Psy II, 1994. p. 35-54.

BRASIL. Ministério da Saúde. Estimativa 2023 – *Incidência de Câncer no Brasil*. Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias-para-os-estados/rio-grande-do-sul/2023/fevereiro/rio-grande-do-sul-tem-estimado-mais-157-mil-novos-casos-de-cancer-ate-2025>. Acesso em: 20 out. 2023.

REFLEXÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA RESISTÊNCIA NOS GRUPOS OPERATIVOS

¹JULLY SILVA DA SILVEIRA

²JULIA AGUETTE DOCORNE

³ LUIZA VITÓRIA ARGENTA BORTOLOTTI

⁴ MARCELO MOREIRA CEZAR

Introdução: Desde os primórdios de sua constituição psíquica, o sujeito, adentra e circula por diversos grupos, buscando uma identidade individual e a saciedade de uma identidade grupal e social. E a partir das relações grupais que o sujeito se reconhece e forja seu conjunto de sistemas, o que abarca suas aspirações e valores, capacidades e necessidades. Os grupos são compostos por diversos fenômenos e elementos psíquicos intra e intersubjetivos articulados entre si, de modo que a modificação de um exerce influência sobre os demais, estando em constante interação entre todos, ou seja, este é como uma galeria de espelhos, onde cada integrante pode refletir e ser refletido nos e pelos outros e é neste campo que se manifestam fenômenos como a resistência, transferência, contratransferência e processos identificatórios. Posto isso, este trabalho tem como objetivo compreender o fenômeno da resistência, a partir da perspectiva dos grupos operativos, e identificar a maneira como forças inconscientes podem fazer com que os sujeitos adotem comportamentos resistentes à mudança da grupalidade, mesmo sendo imprescindível para a sobrevivência. **Metodologia:** O presente estudo foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica narrativa. A busca foi efetuada em bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), nos últimos 15 anos com a seguinte palavras-chave: Operatividade, grupos e psicologia, nas quais foram encontrados 14 artigos, sendo selecionados 2 para integrar o presente trabalho. A investigação foi complementada por livros que abordam a temática. **Resultados:** A partir da perspectiva psicanalítica de Pichon- Rivière, foi possível identificar que o grupo é um instrumento de transformação da realidade, dos rígidos papéis desempenhados por seus atores. Neste, a resistência é uma força contrária às tentativas de rompimento do isolamento estabelecido pelo recalque a um conjunto de representações. O trabalho de análise se aproxima de uma representação recalçada, a resistência se manifesta, tentando impedir esse trabalho, como um obstáculo à rememoração. Além disso, a forma de exercer o manejo da transferência nos grupos é através da identificação da função

¹ Profissional, Psicóloga

¹ Profissional, Psicóloga

¹ Curso de Psicologia, Universidade Franciscana

¹ Docente, Universidade Franciscana

que as mesmas representam. Deste modo, o/a coordenador/a grupal deve saber discriminar dois tipos de resistência: uma inconsciente e obstrutiva, que está a serviço do impedimento da evolução do grupo e outra, qualificada como benéfica, visto que, proporciona a revelação de como o self de cada um dos integrantes, ou ainda, de como todos, tentariam defender-se sob o escopo de evitar a humilhação, o abandono, a ausência de entendimento por outrem. Assim, são diversas as causas que podem levar os grupos a resistirem inconscientemente à evolução de seu tratamento, portanto, é importante que o coordenador reflita acerca do motivo das resistências, buscando entender o que está representado da dinâmica psíquica do grupo. Um claro sinalizador do surgimento de resistências é quando acontecem frequentes atrasos, faltas e discussões apáticas, bem como conversas e reivindicações dos integrantes em outro ambiente que não do grupo. Nestes casos, o coordenador deve solicitar que o grupo faça uma pausa na tarefa operativa, objetivando entender o que está acontecendo. Portanto, é preciso deter um olhar atento às relações que se desenrolam perante o grupo e, especialmente, a figura do próprio coordenador. Há possibilidade de que este experimente por parte do grupo, certa resistência em oposição a forma como o mesmo efetiva a condução do grupo, ou ainda, a uma formação inconsciente de uma certa conspiração de resistência envolvendo o coordenador e o grupo, opondo-se a realização da tarefa à qual se está tentando trabalhar.

REFERÊNCIAS:

BASTOS, A. B. B. I.. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Revista Psicol. Inf.*, v.14, n.14, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010> Acesso em: 05 nov. 2023.

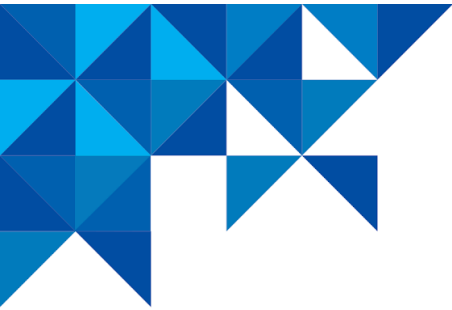
VENTURA, R. Os paradoxos do conceito de resistência: do mesmo à diferença. *Estud. psicanal.* Belo Horizonte, n. 32, p. 153-162, nov. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2023.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

ZIMERMAN, D. et al. *Como trabalhamos com grupos*. Fundamentos teóricos. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ZIMERMAN, D. *Como Trabalhamos com Grupos*. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed, 2000.



PANDEMIA DA COVID-19: INSCRIÇÃO DE UM TRAUMA SOCIAL?

¹ JULLY SILVA DA SILVEIRA

² MARCELO MOREIRA CEZAR

Introdução: “Trauma” se tornou uma palavra em voga durante a pandemia, visto que, assim como em diversos outros acontecimentos, sejam catástrofes naturais, grandes acidentes ou crimes em massa, uma pandemia pode ser considerada uma situação de desastre, que muda e distorce completamente a vivência anterior do sujeito e o coloca em contato com um sentimento de imobilidade, desamparo e impotência. A noção de trauma foi amplamente explorada na psicanálise desde sua origem por diversos teóricos, como Freud, Lacan, Ferenczi, etc. De forma geral, o trauma, de acordo com a psicanálise, trata-se de um acontecimento inesperado que invade o indivíduo e que sente e vivencia este acontecimento de forma intensa e impactante. Essa intensidade é maior do que sua capacidade de tolerar, dominar e elaborar psiquicamente, podendo ser considerada como uma violência, pois o psiquismo é surpreendido por um acontecimento inesperado, sem defesas. Agressividade de uma doença, como no caso da covid19, e a iminência da morte podem ser vividas como traumas, principalmente por apresentar uma realidade até então desconhecida para grande parte da população mundial, uma doença com rápido poder de contágio, grande taxa de mortalidade uma doença com alto poder de contágio e que causa a morte rapidamente, além de impedir rituais de despedida de entes queridos. Além disso, a vulnerabilidade social, a desigualdade existente no Brasil, surgem como potencializadores dessa experiência de desamparo psíquico e material, afetando as coletividades. Cada sujeito responde de maneira subjetiva com o trauma, visto que a resposta ao evento traumático depende dos recursos psíquicos de cada indivíduo. Todavia, o trauma também pode se estender ao social, por um conjunto de subjetividades sociais, pelos aspectos intersíquicos, quando ocorrem perdas e devastações, como em catástrofes, por exemplo (MOTTA E MANFREDINI, 2015). Posto isso, o presente estudo tem como objetivo identificar se os impactos causados pela pandemia da covid-19 no Brasil podem representar um trauma social. Método: O presente estudo foi realizado a partir de revisão integrativa de literatura. A busca foi efetuada em bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), utilizando-se das palavras-chave:

¹ Profissional, Psicóloga

² Docente, Universidade Franciscana



covid-19, psicanálise, trauma, nos últimos 3 anos, nas quais foram encontrados 8 pontua Lacan, atravessa e abala de maneiras distintas as pessoas que estão diante de um mesmo evento, mas que não o percebem do mesmo modo ou têm diferentes recursos artigos, sendo que 2 deles estavam duplicados. Destes, 3 foram selecionados para compor o presente trabalho. Resultados: É possível analisar que o real que emerge de situações traumáticas, como acidentes ou violência, o real traumático, como para lidar com ele, o que pode gerar um atravessamento maior ou menor a depender de como e onde se encontram. A situação pandêmica por si já demanda bastante do psiquismo, mas a situação se agrava quando o Outro enquanto Estado coloca certos obstáculos. É ao Estado que os cidadãos direcionam um desejo de amparo, apoio e reconhecimento, sobretudo em momentos de crise. Contudo, ocorreu uma situação inversa no Brasil, na qual o Estado se ausentou ou até mesmo, participou do sentimento de insegurança, visto que o até então presidente da República, constantemente minimizou os efeitos da pandemia. A questão, portanto, ganha novos e graves contornos, visto que o trauma foi perpetrado pela figura que supostamente teria como função prover e proteger o sujeito, assim como ocorre em figuras paternas, maternas. Dessarte, o trauma se configura coletivamente, visto que uma das partes da relação desacredita e desvaloriza a vivência da outra e trata as mortes, o sofrimento e a angústia como algo sem importância. Assim, o que ocorre é um descrédito da percepção e da própria condição de sujeito de quem experienciou aquele trauma. Não se desmente o evento, mas sim o sujeito.

REFERÊNCIAS:

GONDAR, J. Ferenczi como pensador político. Ferenczi as a political thinker. *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 34, n. 27, p. 193-210, dez. 2012 . Disponível em . Acesso em: 23 out. 2023.

LIMA, C. R. de O. et al . Patchwork psicanalítico: costurando em tempos revoltos. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo , v. 54, n. 2, p. 73-88, jun. 2020 . Disponível em . Acesso em: em 30 out. 2023.

MARTINS, K. P. H.; RABELO, F. C. A escrita da história e do luto nas catástrofes coletivas. *Est. Inter. Psicol.*, Londrina , v. 11, n. 3, supl. 1, p. 28-44, 2020 . Disponível em: . acesso em: 30 out. 2023. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n3suplp28>.

SILVA, J. F. da; BLEICHER, T. Trauma na epidemia brasileira de covid-19: contribuições a partir de Lacan, Ferenczi e Kai Erikson. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo , v. 54, n. 3, p. 95-106, set. 2020 . Disponível em . Acesso em: 30 out. 2023.



SOUZA, L. A.; HENDERSON, G. Testemunhos durante a pandemia: reflexões psicanalíticas sobre trauma, Estado, economia e morte. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 3, p. e200435, 2021.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES NO ESTÁGIO BÁSICO I COM CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

¹ LARA LOPES VASSALO

² BIBIANA FORGEARINI

³ BRUNA BRANDT DE OLIVEIRA

Introdução: Este trabalho foi desenvolvido a partir do relato de experiência do estágio curricular Básico I do Curso de Psicologia. Nele realizou-se a prática de observação com crianças em situação de vulnerabilidade social, em uma Instituição que proporciona acolhimento para o público infantil em uma cidade da região central do Rio Grande do Sul. A partir da observação é possível ponderar os fenômenos e processos psicológicos nas condições naturais, visando os fatores ambientais e eventos de um determinado objeto de estudo. Portanto, torna-se fundamental para o estudo e prática da psicologia, pois gera dados que auxiliam na compreensão dos comportamentos humanos (SABOIA, 2010). A Psicologia está presente em diversas áreas como clínica, escolar, jurídica, incluindo a Psicologia Social, que estuda a saúde e as relações sociais. Para compreender os desejos das crianças, foi utilizado a observação do brincar, presenciando como elas projetam simbolicamente seus sentimentos nos brinquedos durante o ato de brincar. Essa abordagem não apenas analisa a diversão, mas também proporciona uma forma terapêutica de comunicação, permitindo adentrar no universo inconsciente e compreender as ansiedades das crianças (WINNICOT, 2020). **Objetivo:** Observar crianças em situação de vulnerabilidade social que recebem atendimento em uma instituição que disponibiliza práticas recreativas e atividades em grupo. **Referencial Teórico:** Ao se considerar a psicologia como ciência e profissão, percebe-se que está presente em diversas áreas, como a Clínica, Escolas, Contexto Jurídico, assim como no contexto Social. A Psicologia Social tende a estudar a saúde e a relação do indivíduo inserido em uma sociedade, além de ponderar e observar o comportamento das pessoas quando estas estão rodeadas por outras (VOSS et al., 2022). Para compreender os desejos das crianças, podemos observá-las enquanto brincam, para isto utiliza-se o método conhecido como 'técnica de brincar'. Durante o ato de brincar, a criança projeta seus desejos e fantasias nos brinquedos, permitindo interpretar simbolicamente o que não conseguem expressar verbalmente, proporcionando uma forma terapêutica de comunicação. Por meio dessa técnica, não apenas analisa-se a diversão, mas também adentra-se no universo inconsciente, onde elas

¹ Autora: Faculdade SOBRESP, lara_vassalo@yahoo.com.br;

² Coautora, Faculdade SOBRESP, bibiforgearini@gmail.com;

³ Orientadora, Faculdade SOBRESP, bruna.brandt@sobresp.edu.br



simbolicamente manifestam suas ansiedades. A observação do ato de brincar permite compreender os sentimentos das crianças (SEGAL, 1973). **Método do estudo:** Trata-se de um relato de experiência que descreve a prática de observação realizada por acadêmicas do curso de Psicologia durante o Estágio Básico I. O mesmo foi realizado em uma instituição que oferece acolhimento em turno inverso à escola para crianças em situação de vulnerabilidade sócia. O estágio ocorreu durante os meses de fevereiro a junho de 2023, durante 4 horas semanais. As crianças atendidas nesse projeto têm idades que variam de 5 a 12 anos e no local é fornecido auxílio para realização de tarefas escolares, reforços de matérias, atividades lúdicas propostas por voluntários e refeições (FERIANE et al., 2021). **Discussões:** Durante o brincar foi possível observar os sentimentos que as crianças transmitiam. A maioria destas se encontram em situação de vulnerabilidade social, o que tende a refletir diretamente no comportamento deles, transmitindo sentimentos de raiva ou tristeza durante o brincar. Portanto, caso ocorram, por exemplo, desavenças em seu ambiente familiar e/ou social, através do lúdico conseguem expor sentimentos sem precisar de diálogo, sendo em alguns casos forma de consolo e refúgio. Para a criança atingir uma maturação psíquica, ela precisa de uma organização que só pode ser concedida a partir de um ambiente positivo. Para Winnicot (2020) o ambiente é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, levando em conta que o dia a dia familiar afeta na saúde da criança, que está em pleno desenvolvimento da personalidade. A família é o principal grupo social da criança, através do ambiente familiar o indivíduo desenvolve suas percepções, autonomia e seu comportamento dentro da sociedade. A importância do ambiente positivo, diz respeito a um desenvolvimento da estrutura psíquica e comportamental. Caso o ambiente seja negativo, o sistema cognitivo da criança em desenvolvimento tende a ser prejudicado, podendo apresentar problemas de comportamento equivalentes ao lugar que vive. **Considerações Finais:** A observação é uma ferramenta de excelência, voltada para um objeto ou ambiente que conduz a visualização de fenômenos e o que diferem. Além disso, o intuito do estágio era observar crianças e o contexto que elas viviam, que muitas vezes era revelado por meio do brincar, assim como em seus comportamentos no dia a dia. A observação é a competência básica da atuação do psicólogo, sendo assim, o estágio com esse viés tem importância para a formação do acadêmico de psicologia já que gera dados que auxiliam no entendimento acerca do comportamento humano. Nota-se ainda que o ato de brincar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, permitindo que a criança construa sua autonomia e lidere suas emoções de maneira organizada (FERIANE et al., 2021).

REFERÊNCIAS:

FERIANI, G. P.; MELO, C. V.; OLIVEIRA, W. A.; ZANON, L. L. D. A prática da observação sistemática para a formação do(a) psicólogo(a): relato de experiência. *Aletheia*, Canoas, v. 54, n. 2, jul./dez. 2021.

SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda, 1973.

SABOIA, C. Como o método de observação direta do comportamento do bebê e da criança pode contribuir para o avanço da pesquisa psicanalítica. *Estilos*, São Paulo, v. 15, n. 2, dez. 2010.

VOSS, A.; VIEIRA, C. D. A.; CASTRO, D. D. D. *Psicologia social*. Porto Alegre: Grupo A, 2022.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.



DESAFIOS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR CLÍNICO EM PSICOLOGIA

¹ Mariana Sari Carpes

² Jéssica Costa Machado

Introdução: O estágio supervisionado curricular clínico, é um processo necessário e importante no percurso de formação do estudante de psicologia, onde estima-se que o mesmo desenvolva habilidades práticas e teóricas, com base nos pressupostos técnicos, éticos e científicos proporcionados anteriormente pela instituição (BORGES; NARDINO; AMARAL, 2022; DIEGUEZ, 2019; GUERRA, 2019; LIMA; AZEVEDO; MAGALHÃES, 2023; SILVA NETO; LIMA, 2019). Para isso, os estudantes precisam enfrentar sentimentos desagradáveis que permeiam o início dessa prática e que são inerentes aos primeiros atendimentos (GOETTERT, 2020; GUERRA, 2019; LIMA, et al., 2023), fator que envolve o eixo temático saúde mental e desenvolvimento, voltado à esse público. A escolha da psicologia clínica como primeira área de atuação em profissionais recém formados é de 43,9% (CFP, 2022), com isso, destaca-se a relevância da preparação dos estudantes para uma atuação eficaz e sensível enquanto estagiários. **Objetivo:** O presente trabalho objetiva investigar o que está presente na literatura atualmente em relação aos desafios enfrentados por estudantes nos atendimentos durante a graduação. **Método:** Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, em que buscou-se nas bases de dados BVS, LILACS, Medline, Pepsic e Scielo os descritores “estágio supervisionado”, “psicologia” e “supervisão clínica”. Como critério de inclusão foram utilizados artigos e trabalhos de tese de língua portuguesa, inglesa e espanhola dos últimos cinco anos que versassem a prática clínica no processo de formação acadêmica em psicologia. Foram excluídos trabalhos que tinham como enfoque outras áreas de atuação em situações de estágio. **Resultados:** Foi constatado que ainda existem lacunas vinculadas à preparação para a prática clínica na formação dos estudantes, onde o suporte nas instituições é insuficiente para que o contato inicial com os atendimentos seja uma vivência segura (SILVA, et al., 2020; BARBOSA, et al., 2022). Os principais desafios enfrentados pelos estagiários nessa experiência primária de atendimento clínico, relacionam-se com a insegurança voltada à sua performance no setting e da

¹Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Câmpus Santiago – marianacarpes01@gmail.com

²Professora do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA Câmpus Santa Maria - jessica.cmachado@ulbra.br



dificuldade em ponderar as suas expectativas enquanto estagiário com a demanda do paciente (DIEGUEZ, 2019; GOETTERT, 2020). Além disso, os estudantes percebem o distanciamento da prática com a teoria proporcionada pelas disciplinas da grade curricular, tendo dificuldade em flexibilizar o seu desempenho com as necessidades do paciente. Ainda que essas questões tenham sido apontadas, a literatura destaca a importância da supervisão que ocorre com o orientador de estágio, não somente com a função de ensino-aprendizagem mas também sendo fundamental para que o aluno seja ciente de toda sua responsabilidade, adquirindo habilidades terapêuticas que ocasionam o progresso no processo terapêutico do paciente, bem como seu desempenho enquanto estagiário (BOLSONI-SILVA; MATSUNAKA, 2018; GOETTERT, 2020; SILVA, et al., 2020; SILVA, et al., 2017). No entanto, por outro lado, vê-se o benefício das práticas de estágio nos cursos de psicologia, onde os estudantes tem a oportunidade de iniciá-las anterior aos semestres finais, aprimorando seu papel. Com isso, percebe-se a importância da atuação no contexto clínico, ocupando um lugar central na formação do futuro profissional, convocando-o a assumir uma atitude ativa em seu processo de profissionalização (BOLSONI-SILVA; MATSUNAKA, 2018; GOETTERT, 2020; SILVA NETO; LIMA, 2019; AMARAL, 2021). Ter professores que possuem longa experiência em atendimento clínico pode auxiliar nesse percurso, além de formação específica em cursos de especialização e supervisão de casos, pois proporciona o suporte necessário ao aluno, bem como, a orientação a processos direcionados de leitura e atuação reflexiva diante dos desafios enfrentados (SILVA, et al., 2020; SILVA; OLIVEIRA; GUZZO, 2017). Conclusão: A partir disso, percebe-se a precisão de uma melhor qualidade de ensino nas instituições de formação, proporcionando maiores alternativas no período preparatório que antecede à prática clínica. Com isso, sugere-se a implementação de uma disciplina complementar que dê subsídios ao esclarecer essas dificuldades e que trate da resolução das mesmas, podendo proporcionar o contato com técnicas de role play como alternativa de experenciar situações clínicas. A criação de grupos onde os estudantes tenham a oportunidade de olhar previamente para as inseguranças em relação ao estágio, proporcionando um espaço de escuta e discussões também é de suma importância nesse processo de descobertas. É essencial que os acadêmicos recebam um amparo prévio eficaz para que haja um desempenho responsável, ético e seguro dos mesmos, levando em conta o bem-estar do paciente.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, S. M. DE C. *Importância do psicodiagnóstico para condução do tratamento terapêutico no contexto clínica escola*. Monografia (Bacharelado em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES. Brasília, 2021.

BARBOSA, C. M. M.; RHODES, M. A.; SOUZA, M.; MAZINI, E. G. *O fazer da psicologia como experiência de estágio na clínica escola do UNIFACIG*. Anais do Seminário Científico UNIFACIG, v. 1, n. 7, mar 2022. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiariocientifico/issue/view/77> Acesso em: 27 out. 2023.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MATSUNAKA, M. P DA S. *O papel da supervisão em terapia comportamental quanto à promoção de habilidades sociais em estagiários de psicologia*. Gerais (Univ. Fed. Juiz Fora), v. 10, n. 2, p. 204-214, dez. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-883856> Acesso em: 25 out. 2023.

BORGES, T. S.; NARDINO, L. T.; AMARAL, E. A. *Estágio clínico supervisionado em terapia cognitivo-comportamental: relato de experiência*. FAG Centro Universitário, ago 2022. Disponível em: <https://www4.fag.edu.br/anais-2022/Anais-2022-80.pdf> Acesso em: 26 out. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Quem faz a psicologia brasileira? Um olhar sobre o presente para construir o futuro: Condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social*; v. 2; 1. ed. Brasília, 2022.

DIEGUEZ, A. *O estágio em psicologia na perspectiva do estagiário*. Repositório UNICEUB, v. 1, n. 1, p. 8-22, mar. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/12817> Acesso em: 25 out. 2023.

GOETTERT, B. B. *Vivências no estágio supervisionado em psicologia: um olhar dos estagiários*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2020.

GUERRA, M. I. C. A. *Os estágios curriculares supervisionados em psicologia: uma perspectiva de estudantes em formação*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, 2019.

LIMA, A. B. C; AZEVEDO, R. L. W. DE; LIMA, F. L. A.; MAGALHÃES, R. S. R. A influência da formação acadêmica e os desafios da atuação profissional de psicólogos recém-formados. *Sociedade de Pesquisa e Desenvolvimento*, v. 12, n. 8, ago 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373105320_A_influencia_da_formacao_academic_a_e_os_desafios_da_atuacao_profissional_de_p_sicologos_clinicos_recem-formados Acesso em: 26 out. 2023.

SILVA NETO, W. M. DE F.; LIMA, C. P. Estágio curricular supervisionado em psicologia: aspectos legais, potencialidade e desafios para a formação do psicólogo. *Laplage em Revista*, v. 5, n. 1, p. 19-29, abr. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6813191> Acesso em: 25 out. 2023.

SILVA, N. O. DA.; PINHEIRO, M. A.; LAURENDON, C. E. Construção de significados e ambiguidades na supervisão de estágio em psicologia. *Psicologia USP*, v. 31, jul 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4BGcxDvBV8Rt76hvFbqJ3PF/#> Acesso em: 26 out. 2023.

SILVA, W. M. DE F.; OLIVEIRA, W. A. DE.; GUZZO, R. S. L. Discutindo a formação em Psicologia: a atividade de supervisão e suas diversidades. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, p. 573-582, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/shcrDLZf7rhxpDrgwZtjzHv/#> Acesso em: 25 out. 2023.

PSICOLOGIA PERINATAL E PERÍODO GRAVÍDICO-PUERPERAL: PRINCIPAIS ASPECTOS QUE IMPACTAM NEGATIVAMENTE A SAÚDE MENTAL DE MULHERES GRÁVIDAS

Vitória Amalye Bairros³

Júlia Garcia Tronco⁴

Luísa Lopes⁵

Tatiane Marchesan⁶

Leandro Roubuste⁷

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo identificar quais aspectos do período gravídico podem impactar negativamente a saúde mental das mulheres cisgêneras, indicando a partir disso, ações que ofereçam tratamento adequado, prevenindo complicações que podem afetar a gestação, o parto e a relação entre mãe e filho. Concomitante a isso, apresenta-se o modo como a *Psicologia Perinatal* pode contribuir para o auxílio na prevenção e promoção de saúde mental das mulheres nesse período. A presente pesquisa pode ser identificada a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: quanto à sua natureza, é de natureza básica, em termos de abordagem é qualitativa com caráter e objetivo descritivo, e quanto aos seus procedimentos técnicos é bibliográfica. Através de pesquisas feitas a respeito do período gravídico é possível elencar alguns fatores para o desencadeamento de sintomas depressivos ou de ansiedade durante esse período. Os fatores predisponentes mais específicos de patologias psiquiátricas são a gravidez não planejada, baixo suporte familiar e social, poucas relações afetivas satisfatórias, suporte emocional deficiente, conflitos conjugais, ser solteira ou divorciada, estar desempregada, entre outros. Atualmente os aspectos emocionais do período gestacional e puerperal são bastante reconhecidos e comentados, a maioria dos estudos indica que esse período é um tempo de grandes transformações psíquicas das quais decorre uma importante transição existencial (SARMENTO; SETÚBAL, 2003). O termo *Psicologia Perinatal* surge como uma nomenclatura para se referir

³ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da SOBRESP – Faculdade SOBRESP, e-mail: vitoriaamalye@gmail.com.

⁴ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da SOBRESP – Faculdade SOBRESP, e-mail: juliagtronco@gmail.com.

⁵ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da SOBRESP – Faculdade SOBRESP, e-mail: luisalopes18@icloud.com.

⁶ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da SOBRESP – Faculdade SOBRESP, e-mail: tatiane-marchesan@hotmail.com.

⁷ Professor do curso de Psicologia da SOBRESP – Faculdade SOBRESP, e-mail: leandroroubuste@gmail.com.

somente ao período gestacional. A exemplo disso, tem-se a psicologia obstétrica, que indicava algo mais ligado à humanização dos ambientes obstétricos do que propriamente a área médica (LACONELLI, 2012). Compreender, portanto, que a psicologia perinatal amplia o acolhimento para além do momento do parto, contemplando os períodos perinatal de pré e pós-natal, além do parto em si. É uma área de atuação e produção de conhecimento recente que está se expandindo, focando nos aspectos psicológicos implicados no processo de perinatalidade e transição para a parentalidade (ARRUDA; COELHO, 2022). O campo de atuação do psicólogo perinatal é amplo, podendo atuar na rede pública e privada, em hospitais e clínicas, através de atendimentos grupais ou individuais, por intermédio da técnica de pré-natal psicológico. A psicologia perinatal pode acompanhar todas as fases da gestação e até antes da gestação, em planejamentos e preparações para o “ficar grávida”, indicando assim, tal área como uma espécie de *pré-natal psicológico* (ARRUDA; COELHO, 2022). Esse pré-natal psicológico surge como complemento ao pré-natal médico e se refere a um programa de assistência e orientação psicoterapêutica e psicoeducativa à mãe e sua rede de apoio, entendendo que o materno não se faz sozinha (ARRUDA; COELHO, 2022). Seu objetivo é promover a saúde mental materna, oferecer apoio emocional e minimizar os danos psicológicos presentes nesse período.

REFERÊNCIAS:

ARRUDA, A. C. C; COELHO, G. G. A importância da psicologia perinatal como campo de investigação e atuação profissional. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, v. 30 (1) 71-78, Jan.-Jun., 2022.

ARRAIS, A. R.; MOURÃO, M. A.; FRAGALLE, B.. O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. *Saúde e Sociedade*, v. 23, p. 251-264, 2014.

CAMACHO, R. S. et al. Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), v. 33, n. 2, p. 92-102, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000200009>.

COSTA, E. S. et al. Alterações fisiológicas na percepção de mulheres durante a gestação. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 11, n. 2, p. 86-93, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/4531>.

IACONELLI, V. O que é psicologia perinatal: definição de um campo de estudo e atuação. Área de Estudos do Instituto Brasileiro de Psicologia Perinatal (2012). Disponível em: disponível em: <http://www.institutogerar.com.br/>. Acesso: 31/10/2023.

SARMENTO, R; SETÚBAL, M. S. V. Abordagem Psicológica em Obstetrícia: Aspectos Emocionais da Gravidez, Parto e Puerpério. *Revista Ciência Médica*. Campinas/SP, v. 12, n. 3, p. 261-268, jul./set., 2003. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0204/pdfs/IS24\(2\)051.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0204/pdfs/IS24(2)051.pdf)> Acesso em: 12 set. 2023.

BULLYING ESCOLAR REVÉRBERO DA VULNERABILIDADE SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO VOLUNTÁRIO EXTENSIONISTA.

¹ ANDRESSA MACHADO ELSNER

² MÁRCIA REJANE KEGLER ZILLMER

³ ELIZABETH COELHO

Introdução: O bullying escolar constitui uma demanda em análises mais amplas e profundas acerca não apenas do ambiente escolar, mas também da família e do meio cultural em que estão inseridos, requer assim uma abordagem complexa. O ambiente desfavorável e a influência da comunidade na conduta desses indivíduos, por muitas vezes é refletida na escola, em suas vivências diárias, tornando a prática do bullying reflexo de suas experiências, ações sociais e rotinas lapidadas pela cultura dos indivíduos (ZEQUINÃO, et al., 2016). Certos contextos e experiências sociais podem aumentar a probabilidade de problemas na saúde mental de crianças e jovens vivendo estes em situação de vulnerabilidade social, enfrentando insegurança alimentar, exposição à violência e baixo suporte social (DUARTE; PITA, 2020). **Objetivo:** Relatar as atividades realizadas pelo projeto voluntário extensionista da Faculdade SOBRESP, sobre o revérbero da vulnerabilidade social por meio do bullying escolar. **Aspecto metodológico:** Relato de experiência visando analisar os resultados obtidos através de atividades realizadas com os alunos de três turmas do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Diácono João Luiz Pozzobon, situada no bairro Diácono João Luiz Pozzobon, periferia da cidade de Santa Maria/RS, bairro este de extrema vulnerabilidade social. As atividades foram realizadas em forma de rodas de conversa acrescidas de dinâmicas, duas destas transcorreram da seguinte forma: Após roda de conversa, os alunos em círculo, receberam uma folha para registrarem seus nomes, após foram incentivados a escreverem, do outro lado da folha, “um mico” (situação: vergonhosa, embaraçosa, desagradável...) que gostariam que o colega da direita realizasse, colocando a folha no chão, com seu nome para cima, solicitado que todos dessem um passo para a direita e pegar a folha que ficou na sua frente, ler o nome e o “mico”, que o colega da direita deveria realizar, este no qual seria o próprio “mico” que havia escrito. Atividade final com o tema bullying, os alunos, após a roda de conversa motivada pela história, "Não ao Bullying", produzida pela acadêmica Andressa Elsner, organizados em pequenos grupos, receberam materiais de desenho (lápis de cor, giz de cera,

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia Faculdade SOBRESP.

² Acadêmica do Curso de Psicologia Faculdade SOBRESP

³ Orientadora, Psicóloga, Docente do curso de Psicologia Faculdade SOBRESP.

canetinha, cola colorida) e uma folha para cada aluno, onde continha quatro quadrinhos com auto questionamentos: (Bullying para mim é?, Como eu vejo quem pratica bullying?, Como eu vejo quem sofre bullying? e O que eu posso fazer para evitar o bullying?) expondo-se originalmente através da escrita, desenho, ou ambos, sua percepção sobre o tema em questão, após relato, foram convidados a apresentar para outras turmas da escola, expondo os trabalhos no mural da escola. Resultados e conclusão: As atividades foram acolhidas de forma positiva pelos alunos, receptivos e colaborativos, interagiram, expressaram suas opiniões e frustrações, debateram, trazendo para as atividades, inconscientemente, a identidade do meio social em que estão inseridos, a demonstração de carência por atenção e afeto presente durante as dinâmicas evidenciado o impacto que a vulnerabilidade social retrata no comportamento desses alunos, através do bullying dentro do ambiente escolar. Curso de Psicologia SOBRESP- Sociedade Brasileira para o Ensino e Pesquisa Ltda. Portanto, o bullying na escola se mostrou intimamente relacionado a padrões de violência social e familiar vivenciados por estes alunos.

REFERÊNCIAS:

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.

DUARTE, S. M.; PITA, F. A psicoterapia como um processo terapêutico para adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil. In: CONIGRAN 2020 - Congresso Integrado UNIGRAN Capital, 2020, Campo Grande. Anais [...] Campo Grande: UNIGRAN Capital, 2020. Disponível em: <[https://www.even3.com.br/anais/conigran2020/248636-A-PSICOTERAPIA-EM-GRUP-O-COMO-PROCESSO-TERAPEUTICO-PARA-ADOLESCENTES-EM-SITUACAO-D E-VULNERABILIDADE-SOCIAL-NO-BRAS](https://www.even3.com.br/anais/conigran2020/248636-A-PSICOTERAPIA-EM-GRUP-O-COMO-PROCESSO-TERAPEUTICO-PARA-ADOLESCENTES-EM-SITUACAO-D-E-VULNERABILIDADE-SOCIAL-NO-BRAS)>. Acesso em: 26 out. 2023.



PSICANÁLISE E INFÂNCIA: O IMPACTO DAS TELAS NA SUBJETIVIDADE

¹ Juliana Lara Paulis

² Ricardo Trindade de Freitas

³ Renata Anhalt

⁴ Márcia Barcellos Alves

RESUMO: Este estudo refere-se a uma revisão bibliográfica desenvolvida como critério de avaliação bimestral na disciplina Teorias da Clínica Psicológica II: Abordagem Psicanalítica, com eixo temático Saúde Mental e Desenvolvimento. O objetivo da pesquisa consiste em investigar o impacto do uso de telas na subjetivação da criança, de acordo com estudos recentes que vêm sendo desenvolvidos acerca do tema, à luz da teoria psicanalítica. Na sociedade atual é possível perceber que as crianças estão participando do mundo digital cada vez mais cedo; assim, enquanto estudantes, parece importante refletir sobre os limites, as possibilidades e as possíveis consequências da interação do público infantil com aquelas tecnologias. Os celulares e ferramentas digitais produzem uma enunciação imagética que leva a vícios de comportamento e desviam a consciência dos sujeitos da vida real. Não por acaso Turcke (2010) faz a analogia desses aparelhos com as drogas, pois ambos viciam e desviam a consciência da realidade. Tais sintomas trazem consigo novas formas de sofrimento e mal-estar denominadas de intoxicações eletrônicas (DUNKER, 2017; JERUSALINSKY, 2017a). Mendes (2020), discute a influência das tecnologias digitais na constituição do sujeito, destacando que a partir das transformações ocorridas na dinâmica familiar, os pais têm cada vez menos tempo para dar atenção aos filhos, contribuindo para a solidão infantil e, conseqüentemente, para a fragilidade do sujeito, colaborando, ainda, para que as crianças passem cada vez mais tempo diante da televisão, do smartphone e dos jogos eletrônicos, a ponto desses aparelhos passarem a ocupar um lugar especial na vida dos pequenos, lugar este, antes destinado aos pais. A fragilidade dos laços sociais, a falta de interação das crianças pequenas, principalmente dos bebês, com os pais, pode implicar num atraso no desenvolvimento da linguagem, da capacidade de concentração, de socialização e de problemas de comportamento, que, como aponta Jerusalinsky (2017a) pode ser confundido, por exemplo, com diagnósticos de autismo. Pensamos nessa circunstância tomando como base a perspectiva de Winnicott (1975), que afirma que

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia Faculdade SOBRESP; e-mail: jlpaulis@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Psicologia Faculdade SOBRESP; e-mail: rtdfreitas1665@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia Faculdade SOBRESP; e-mail: renatasalbego@icloud.com



⁴ Psicóloga, Psicanalista, Doutora (UFRJ), Docente no Curso de Graduação em Psicologia Faculdade SOBRESP; e-mail: marcia.alves@sobresp.edu.br.

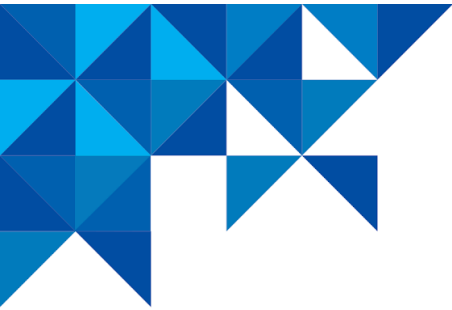
o brincar é elemento primordial para a produção de saúde e amadurecimento psíquico do bebê. Nesse sentido, verifica-se que a suspensão do tempo de brincar e a utilização da tecnologia como entretenimento e forma de ocupar o tempo ocioso da criança, vem tomando lugar de atividades e práticas fundamentais para o desenvolvimento das mesmas, como por exemplo, exercícios físicos e brincadeiras ao ar livre (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019), limitando e prejudicando o estabelecimento de vínculos, uma vez que através da prática do brincar, a criança vai construindo sua subjetividade e estabelecendo seus laços sociais (MEDRANO, 2004). Questiona-se, portanto, de que forma dar-se-á a estruturação psíquica da criança diante da diminuição da afetividade parental e da troca com o outro, sendo o processo subjetivo permeado por uma tela, uma vez que “a partir dessas inscrições primordiais feitas na relação com o Outro que se passa do afeto à representação, do corpo à linguagem, produzindo inscrição que articula e faz dobradiça fundamental para a apropriação do corpo e constituição psíquica” (JERUSALINSKY, 2014). Quatrin e Cassel (2020), além de apresentarem os impactos causados pelo uso excessivo da tecnologia, ressaltam a necessidade de maior disseminação de informações sobre essa temática entre os pais ou cuidadores das crianças, entendendo ser fundamental a mediação e controle de tempo de uso, haja vista a impossibilidade de impedir a coexistência das formas tradicionais de brincar e do brincar por meio de dispositivos eletrônicos. A partir do exposto, é possível pensar a importância da psicoeducação sobre os aspectos fundamentais para se ter uma infância saudável, considerando que primeira infância é a base da vida adulta, e ressaltar a importância dos pais oferecerem estímulos aos seus filhos (brincadeiras ao ar livre, contação de histórias, recursos lúdicos, etc.). Portanto, o estudo evidencia a necessidade de seguirmos pensando essa questão que tem tanto impacto nas formas de subjetivação, sobretudo em crianças e adolescentes, ainda em formação.

REFERÊNCIAS:

DUNKER, C. I. L. Intoxicação digital infantil. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 2017.

JERUSALINSKY, J. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. Salvador: Ágalma, 2017a. p. 39-55.

MEDRANO, C. A. *Do silêncio ao brincar: história do presente da saúde pública, da psicanálise e da infância*. São Paulo: Vetor, 2004.



MENDES, E. D. Impasses na constituição do sujeito causados pelas tecnologias digitais. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 20, SPE2, p. 1-10, 2020.

QUATRIN, A. N.; CASSEL, P. A. Entre o brincar e a tela: as repercussões no desenvolvimento emocional infantil. *Research, Society and Development*, [s.l.], v. 9, n. 8, e625985827, 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas*. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTechnoMidias_na_SaudeEscolar.pdf. Acesso em: 02 jul. 2019.

TÜRCKE, C.; et al. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Unicamp, 2010.

Psicologia Do Trabalho na Alta Complexidade no Hospital

¹ Letícia Bonfada Matschinske

² Camila Rigon Cristofari

³ Débora Magalhães Mendes

⁴ Cristine Gabrielle dos Reis

RESUMO: Introdução: A alta complexidade é definida como um conjunto de procedimentos que engloba alta tecnologia e alto custo, que tem por objetivo propiciar à população acesso a serviços de qualidade, integrando-os com os diferentes níveis de cuidado de saúde básica e de média complexidade (CARDOSO et al., 2022). A psicologia do trabalho, na alta complexidade, visa ajudar as equipes a compreenderem seus limites e oferecer espaço de escuta para esses profissionais que lidam cotidianamente com os limites tênues entre vida e morte (FONSECA, et al., 2010). Metodologia: Pesquisa Narrativa, onde os dados foram coletados e analisados em artigos publicados nas bases do Scielo, Pepsic e Lilacs. Utilizou-se os seguintes descritores: "psicologia do trabalho", "alta complexidade" e "hospital". Resultados: De acordo com os resultados encontrados sobre a psicologia do trabalho na alta complexidade no hospital podemos apontar as seguintes discussões: a prática dos grupos dispositivos como estratégia para criar um espaço de escuta e experimentação para os trabalhadores, visto que os profissionais que trabalham no hospital confrontam-se com as fragilidades do ser humano (CARDOSO et al., 2022), a prevalência de transtornos mentais em trabalhadores da saúde que atuam nos serviços de alta complexidade (RIBEIRO, 2022). Além de abordar, um tema que parte da ideia de que é preciso analisar os processos que estão em curso e construir, coletivamente, novas formas de organização do trabalho, para que se trabalhe da forma "ideal" (FONSECA et al., 2010). Conclusão: Dessa forma, percebe-se que estudar intervenções e práticas que auxiliem na saúde dos trabalhadores na alta complexidade é de extrema importância, principalmente quando poucos estudos são encontrados na área.

¹ Estudante de Psicologia da Faculdade Integrada de Santa Maria: leticiabonfada@gmail.com

² Estudante de Psicologia da Faculdade Integrada de Santa Maria: caca.cristofari@gmail.com

³ Estudante de Psicologia da Faculdade Integrada de Santa Maria:
deboramagalhaesmendes@gmail.com

⁴ Professora do curso de psicologia da Faculdade Integrada de Santa Maria
cristine.reis@fisma.edu.br

REFERÊNCIAS:

CARDOSO, C. S. S. DOS S. et al. (org.). *Psicologia Hospitalar na alta Complexidade: teoria, técnica e prática assistencial*. Curitiba: Appris, 2022. 269 p.

FONSECA, T. M. G. DA .; BARROS, M. E. B. DE .. Entre prescrições e singularizações: o trabalho em vias da criação. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, n. 1, p. 101–114, jan. 2010.

RIBEIRO, C. D. A. L. *Transtornos mentais em profissionais de saúde de serviços de alta complexidade*. 2022. 150 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual de Montes Claros, Monte Claros, 2022.

OFICINAS ARTÍSTICAS COM ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADES SOCIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

¹ ANA MARTA MAZUREK REIDEL

² NATAN DANIEL DA SILVA

³ STEFANY BICHINQUE TEIXEIRA

⁴ TAÍS FIM ALBERTI

RESUMO: Nos contextos de vulnerabilidade social, considerando as dimensões histórica, cultural e política que estruturam tal cenário, observa-se o fenômeno de restrição e apagamento das subjetividades, assim como movimentos de repressão, que barram a expressão livre, evidenciando relações de dominação (GUARESCHI, 2008). Ao pensar o desenvolvimento de crianças e adolescentes nesse ambiente, para além da luta ética e politicamente orientada em busca da garantia ao acesso pleno aos direitos básicos, a Psicologia também é convocada a atuar nesses contextos de forma direta. Tal prática é construída pensando em maneiras de acessar esse público e de contribuir para a promoção de um ambiente favorável ao desenvolvimento saudável, o que inclui, certamente, a saúde mental. O Núcleo Compartilha, grupo de pesquisa, ensino e extensão vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, desenvolve o projeto de extensão “A psicologia vai para a escola: articulando saberes e fazeres”, realizando encontros quinzenais com alunos e professores em uma escola municipal localizada em região periférica da cidade de Santa Maria, na qual estão presentes importantes marcadores de vulnerabilidade social. A prática extensionista realizada está embasada na Psicologia Escolar Crítica, que considera as dimensões históricas, políticas e culturais dos sujeitos no processo de escolarização (PATTO, 2022). Os encontros são pensados pelos acadêmicos, com auxílio e supervisão das professoras coordenadoras, a partir das demandas observadas na turma e do interesse demonstrado pelos/as alunos/as. Este trabalho tem como base a participação em uma turma do 6º ano, com cerca de 25 adolescentes, durante cerca de seis meses. O objetivo do trabalho consiste em propor uma discussão teórica a partir do compartilhamento de experiências sobre oficinas artísticas realizadas com adolescentes em contexto de vulnerabilidades sociais. O método consiste no relato de experiência, que visa construir uma reflexão teórica a partir da vivência acadêmica (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021). O potencial da arte no trabalho com adolescentes que se deseja explorar neste trabalho está vinculado

¹ Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, anamartamazurek@gmail.com

² Graduando em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, natan.daniel@acad.ufsm.br

³ Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, stefany.teixeira@acad.ufsm.br

⁴ Drª em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, tais.alberti@ufsm.br



ao lugar de expressão legítimo que lhes é colocado, contrastando com a posição de invisibilidade atrelada a esses sujeitos em seu contexto social. As oficinas possuíam temas como comunicação, emoções e identidade, mesclando atividades grupais e individuais. As propostas eram construídas com o objetivo de possibilitar que os/as adolescentes refletissem e compartilhassem suas ideias a partir da temática, relacionando com experiências dos seus cotidianos, ou seja, com aquilo que lhes mobiliza a refletir e faz sentido dentro das suas vivências. Para tal, uma variedade de materiais artísticos (lápis de cor, giz de cera, tintas guache, cola-glitter, canetões, EVA's, etc) estava disponível e seu uso era incentivado e direcionado à produção de cartazes, desenhos, cartas e outros formatos construídos livremente pelos alunos, que possuíam liberdade para criar e, também, para não participar da atividade proposta se não desejassem. Observou-se que a utilização dos recursos artísticos foi fator importante para o engajamento e participação da turma, a qual demonstrou interesse em realizar as atividades propostas e, a partir da arte produzida nesse espaço, foi possível desenvolver reflexões potentes sobre a temática do encontro, tanto durante o processo de criação como nos momentos de compartilhamento das produções. Desse modo, o trabalho artístico se mostrou um instrumento mediador para o surgimento de expressões mais livres e genuínas sobre as questões que estavam sendo trabalhadas, permitindo que os alunos se sentissem autorizados a protagonizarem a discussão. Nesse sentido, entende-se o potencial do uso da arte na atuação junto a adolescentes enquanto materialidade mediadora, de forma a mobilizar afetos, potencialidades e o desenvolvimento psíquico (POTT; NEVES; SOUZA, 2022). No contexto social de vulnerabilidade vivido por esses adolescentes, ou seja, estruturalmente violento para com a população, essa abertura, ainda pequena mas significativa, os coloca numa posição de sujeitos reconhecidos em sua existência e saber. Conclui-se, portanto, que apesar do ambiente que rodeia tais sujeitos não lhes dê subsídios para um viver digno, ao possibilitar o acesso a um espaço de escuta legítimo contribui-se para o desenvolvimento psíquico dos adolescentes, abrindo brechas na estrutura violenta de dominação e opressão que se apresenta no contexto social.

REFERÊNCIAS:

GUARESCHI, P. A. *Ética e paradigmas na psicologia social: Ética e paradigmas*. In: PLONER, K. S., et al., org. *Ética e paradigmas na psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 18-38.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.



PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.* Universidade de São Paulo. (E-book) Instituto de Psicologia, São Paulo-SP, 2022.

POTT, E. T. B.; NEVES, M. A. P.; SOUZA, V. L. T. de. A Psicologia Escolar no trabalho com adolescentes: a arte como intervenção. *Revista Psicopedagogia*, v. 39, n. 120, p. 368-376, 2022.

GÊNERO E IDENTIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA VIVÊNCIA DE MULHERES TRANS

¹ CASSIANE BARDIM DOS SANTOS

² JULIA MENCHIK DE MOURA

³ BRUNA BRANDT DE OLIVEIRA

RESUMO: O presente trabalho foi desenvolvido a partir da busca por compreender as vivências acerca da identificação de gênero de mulheres trans. A partir de uma pesquisa de campo que apresenta relatos de experiências que trouxeram suas narrativas a partir da problemática com o seguinte questionamento: como se deu o processo de identificação de gênero de mulheres trans? O conceito de gênero na atualidade é entendido como uma junção entre subjetividade e características biológicas que convocam considerações acerca da construção social que se estabelece através da diferenciação entre feminino e masculino. A ideia de identidade se caracteriza desde os primeiros anos de vida de um indivíduo onde este, através de seu nome próprio, é diferenciado e, ao mesmo tempo, conectado a partir de seus familiares que ocupam na vida desse sujeito a posição da sua primeira relação e aproximação com o outro (BARBOSA; NETO, 2020; TORRACA, 2018). O termo "transgênero" é atribuído ao sujeito que não se reconhece a partir do sexo biológico designado no momento do seu nascimento, dessa forma as mulheres trans apropriam-se da sua real identificação e utilizam-se de uma construção identitária feminina expressando sua afinidade com alterações visíveis - ou não - nomeando seu corpo através de suas unhas, maquiagens, perucas, roupas e calçados e desse modo, externalizando sua identidade de gênero (BARBOSA et al., 2020; SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015). A metodologia da presente pesquisa compreendeu uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, utilizando-se da sistemática de análise de conteúdo da autora Laurence Bardin (2016). A partir dos resultados, entendeu-se que para compreender a identificação de gênero de um indivíduo, é necessário observar a forma como este se relaciona consigo mesmo, reconhecendo-se através do seu corpo, das suas percepções e suas interações sociais que são moldadas a partir de fatores culturais, permitindo que o sujeito relacione-se com a própria realidade e contexto social a seu redor (BARBOSA et al., 2020; TORRACA, 2018). Expressar-se livremente a respeito da forma como um indivíduo se identifica é algo significativo e simbólico pois, durante muito tempo, essa expressão é internalizada devido aos

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade SOBRESP; Pós Graduada em Clínica Psicanalítica pela Universidade Franciscana (UFN).

² Graduada em Psicologia pela Faculdade SOBRESP.

³ Orientadora e Docente pela Faculdade SOBRESP.

obstáculos sociais e familiares encontrados nesta realidade. Juntamente com esse processo, é experienciada a sensação de realização ao alcançar a autenticidade em ser quem realmente se é, superando barreiras e utilizando-se da representação feminina como essas mulheres trans tanto sonharam (MARQUES; MAYRINK, 2016).

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, C. V.; NETO, J. F. D. S. A desconstrução da heterocisnormatividade: o reconhecimento da identidade de gênero dos transexuais para a “transparentalidade” ou “parentalidade trans”. *Revista de Direito de Família e Sucessão*, v. 6, n. 1, p. 55-74, 2020.

BARBOSA, T.; SILVA, M.; SIQUEIRA, P.; SOUSA, S.; DE LUIZ, G. As contribuições da psicologia social para discussões sobre transgênero. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — [Nome da Instituição].

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

MARQUES, A. C. S.; MAYRINK, A. L. A potencialidade das roupas na expressão política e na subjetivação de mulheres trans. *Novos Olhares*, v. 5, n. 2, p. 7-24, 2016.

SILVA, R. G. L. B.; BEZERRA, W. C.; QUEIROZ, S. B. de. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 26, n. 3, p. 364-372, 2015.

TORRACA, R. B. *Transgêneros: a vida para além da identidade*. Formação Docente e Diversidade, 2020.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CAMPO DA PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS

¹ NATAN DANIEL DA SILVA

² ANA MARTA MAZUREK REIDEL

³ ALESSANDRO VALER

⁴ TAÍS FIM ALBERTI

NAIANA DAPIEVE PATIAS

RESUMO: As práticas no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão caracterizam-se como significativas para a formação em Psicologia. Dentre elas, as ações de extensão têm adquirido cada vez mais importância no processo formativo de graduandas(os), visto seu caráter inter-relacional com a comunidade, principalmente diante do contexto de curricularização da extensão nas universidades. Nesse sentido, o campo da Psicologia Escolar e Educacional (PEE) apresenta-se como uma relevante possibilidade de atuação na esfera da extensão, tendo em vista o papel fundamental da escola para o desenvolvimento de crianças e adolescentes e o cenário de promulgação da Lei 13.935/19, que institui a inserção de profissionais de Psicologia e do Serviço Social nas redes públicas de educação básica brasileiras. As práticas extensionistas nessa área podem ser norteadas pelos referenciais teórico-práticos da Psicologia Escolar Crítica, que busca considerar as dimensões histórica, política e cultural dos sujeitos no processo de escolarização (PATTO, 2022), e do mapeamento e escuta institucional, visando o levantamento de demandas e o desenvolvimento de estratégias e intervenções direcionadas a todos os atores que integram o ambiente escolar (MARINHO-ARAÚJO, 2014). Assim, o objetivo do presente trabalho é o de compartilhar experiências vivenciadas no âmbito da extensão universitária em PEE. O método utilizado é o de relato de experiência, que visa a reflexão teórico e metodológica de vivências experienciadas em contextos acadêmicos ou profissionais (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021). As práticas de extensão relatadas a seguir se deram no âmbito da atuação de dois grupos vinculados ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, o Núcleo de Estudo em Contextos de Desenvolvimento Humano: Família e Escola (NEDEFE) e o Núcleo COMPARTILHA. O NEDEFE vem realizando ações vinculadas a cinco escolas de Santa Maria-RS (quatro públicas e uma privada), voltadas à temáticas como bullying,

¹ Graduando em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, natan.daniel@acad.ufsm.br

² Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, ana.reidel@acad.ufsm.br

³ Graduando em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, alessandro.valer@acad.ufsm.br

⁴ Doutora em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, tais.alberti@ufsm.br

⁵ Doutora em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, naiana.patias@ufsm.br



motivação e estratégias de estudo, junto a estudantes do ensino fundamental. Ainda, desenvolve intervenções voltadas à promoção da saúde mental de docentes da educação básica, trabalhando temas como os desafios da sala de aula e as dificuldades e potencialidades do fazer docente. Já o Núcleo COMPARTILHA desenvolve atividades extensionistas em uma escola municipal localizada em região periférica da cidade, a qual é atravessada por marcadores de vulnerabilidade social. São realizadas oficinas temáticas com os alunos de três turmas do sexto ano do ensino fundamental, trabalhando questões como comunicação, emoções, identidade, violência, entre outros temas que vão ao encontro das demandas percebidas em cada grupo. Também é realizado um encontro com os/as professores/as, quinzenalmente, proporcionando um momento de escuta e reflexão sobre a docência e as dinâmicas escolares. Diante disso, discute-se a relevância das práticas extensionistas relatadas, na medida em que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem e para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida nas instituições escolares. Além disso, aponta-se a importância das mesmas nas interlocuções entre teorias e práticas para a formação e futura atuação profissional das(os) acadêmicas(os) de Psicologia vinculadas(os) aos projetos.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei Nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Brasília, DF, Brasil, 2019. Disponível em: .

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Intervenção institucional: ampliação crítica e política da atuação em psicologia escolar. In: GUZZO, R. S. L. (Org.). *Psicologia escolar: desafios e bastidores na educação pública*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. Universidade de São Paulo. (E-book) Instituto de Psicologia, São Paulo-SP, 2022.



A IMPORTÂNCIA DO EMPODERAMENTO FEMININO ALIADO À SAÚDE SEXUAL E MENSTRUAL PARA MENINAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

¹ BÁRBARA MACHADO CORREIA

² MANOELA PALMEIRO DORNELLES

³ SIBILA LUFT

Introdução: A pobreza menstrual infelizmente acontece na vida de pessoas que possuem útero e vivem em situação de vulnerabilidade social. A falta de acesso a itens de higiene básica e informações sobre o ciclo menstrual, bem como o desconhecimento dos métodos contraceptivos, são as problemáticas encontradas em cenários em que a desigualdade econômica se apresenta em maior evidência. Metodologia: A metodologia de pesquisa conhecida como método do caminho crítico é amplamente utilizada em diferentes áreas do conhecimento, como engenharia, gerenciamento de projetos e ciências sociais. Esse método fornece uma abordagem sistemática e eficiente para o planejamento e controle de projetos complexos, permitindo identificar as atividades críticas que podem afetar o tempo total de conclusão de um projeto. (ASANA, 2021) Resultados: Sendo assim, foi realizado um projeto de foi pensado com o intuito de levar saúde menstrual e sexual para pessoas com útero, estudantes de uma escola municipal de ensino na cidade de Santiago no estado do Rio Grande do Sul. O projeto foi idealizado durante o planejamento da XVI Semana Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada Campus de Santiago, tendo em vista que a temática do evento se tratava do universo feminino, idealizou-se a arrecadação de absorventes menstruais durante os dias de evento. Foi solicitado então, auxílio do Rotaract Club de Santiago Terra dos Poetas para que ampliasse o campo de arrecadação destes recursos, tendo em vista uma maior demanda destes itens. Juntamente com a entrega dos absorventes, foram realizados ciclos de palestras com as alunas sobre cuidados em saúde feminina, adolescência e métodos contraceptivos, visando assim a erradicação da pobreza menstrual e desconhecimento a respeito dos métodos de contracepção durante a adolescência e puberdade. Segundo a UNICEF, a definição de pobreza menstrual ou precariedade menstrual está relacionada com a dificuldade de acessar recursos de higiene menstrual, infraestrutura de saneamento básico adequado dentro e fora do núcleo domiciliar e, também, de conhecimento dos cuidados necessários envolvendo sua própria menstruação e seu corpo e para o manejo da saúde durante o ciclo reprodutivo. A pobreza menstrual acomete pessoas menstruantes em estado de vulnerabilidade social, o que por conseguinte, leva à desigualdade a direitos e

¹ Curso de Psicologia Universidade Regional Integrada Campus de Santiago

oportunidades, contribuindo para retroalimentação de ciclos transgeracionais de inequidades de gênero, raça, classe social, além de impactar negativamente na trajetória educacional e profissional. Segundo UNFPA (2021) a pobreza menstrual é um fenômeno, caracterizado não apenas pela falta de acesso a produtos do cuidado da higiene menstrual, mas sim, por questões estruturais como ausência de banheiros seguros, saneamento básico e coleta de lixo, pela falta de medicamentos e de serviços médicos, pela insuficiência incorreção nas informações sobre a saúde menstrual e autoconhecimento e principalmente pelos tabus e preconceitos sobre a menstruação que resultam na segregação de pessoas que menstruam. Sendo assim, é notório que apenas distribuição de absorventes à população feminina não é o suficiente para desenvolver uma circunstância adequada de vivência da menstruação, pois a pobreza menstrual tem ramificações muito mais complexas, que afetam não somente ao acesso de produtos apropriados para a higiene como também se trata da manutenção do saneamento básico, da estrutura de banheiros, dos serviços médicos, dos medicamentos e do acesso à informação. Ainda sobre a pesquisa da UNFPA e da UNICEF (2021, p. 21) ressalta que, ao adquirir noções sobre o próprio corpo e entendimentos básicos sobre o ciclo menstrual, crie-se uma educação menstrual na qual se torna possível ajudar na desconstrução de tabus estabelecidos, diminuir o constrangimento e o estresse das jovens, além de empoderar as meninas, ao terem mais poderes sobre seu próprio corpo. Dessa forma, a educação menstrual surge como ferramenta de extrema importância, pois, por meio dela, as jovens irão desenvolver independência e autonomia quanto ao controle do próprio corpo. Assim, é evidente a necessidade de planejar e estruturar a educação para as mulheres, começando pelo estudo da própria fisiologia reprodutiva, assim, amplifica tanto sua confiança e autoestima quanto suas capacidades intelectuais, a fim de retomar o controle sobre o corpo e também para a própria expansão de seus desejos sociais e profissionais, tomando um rumo que rompe com estruturas tradicionais e patriarcais limitadoras da liberdade das mulheres no mundo. Ao oferecer uma educação sexual abrangente, baseada em informações cientificamente corretas e livre de preconceitos, as escolas capacitam os estudantes a tomar decisões informadas sobre sua própria sexualidade e a lidar com os desafios e as responsabilidades que surgem nessa área. A educação sexual não se limita apenas à biologia e à anatomia, mas também abrange questões emocionais, psicológicas e sociais relacionadas à sexualidade. (ROMANO et al., [s.d.]

Referências:

ASANA. Método do caminho crítico: como usá-lo na gestão de projetos [2021] • Asana. Disponível em: . Acesso em: 7 jul. 2023.br/publications/relatorio-situacao-da-populacao-mundial-2021. >. Acesso em: 7 jul. 2023.

ROMANO, A. et al. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR Disponível em:
. Acesso em: 7 jul. 2023.

UNFPA. Meu corpo me pertence: Reinvidicando o Direito à Autonomia e à Autodeterminação (2021). Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt> Acesso em: 7 jul. 2023.

UNICEF & Center for Global Safe Water. Agua, saneamiento e higiene en la escuela fortalece la educacion de las niñas adolscentes en la zona rural de Cochabamba Bolivia: Estudio del manejo de la higiene menstrual en las escuelas. 1–62 (2012).



OS ATRAVESSAMENTOS DA (CIS)HETERONORMATIVIDADE NO CUIDADO DE PESSOAS TRANS

¹ FERNANDA SOARES

² CRISTIANE VERARDO DE CASTRO

³ MÁRCIA BARCELLOS ALVES

Este trabalho decorre da experiência da disciplina de Estágio Básico II, que tem como proposta o estudo e a prática a respeito do psicodiagnóstico. O mesmo foi realizado em um hospital público, localizado na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, mais especificamente, dentro do serviço ambulatorial destinado à população trans que busca acompanhamento médico e psicológico durante o processo de hormonioterapia. A partir de registros em formato de diários de campo e de uma revisão bibliográfica focada nos campos de domínio da Psicologia Social, Teorias de Gênero e Feminismo, este trabalho propõe-se a pensar como o cuidado, acolhimento e atendimento desta população pode ser atravessado por constructos como a cis e heteronormatividade, bem como a recorrente patologização de corpos e vivências trans, evidenciada não somente por instrumentos como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) ou a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), mas também pela prática de profissionais da saúde. O gênero se tornou, historicamente, uma categoria diagnóstica e, segundo a associação ANTRA (2023), estes são alguns exemplos de sua representação ao longo de, pelo menos, 20 anos: Desordens psicosssexuais (DSM-III - 1980), Transtorno de identidade de gênero (CID-10 - 1990), Desordem de identidade sexual e de gênero (DSM-IV - 2000), Disforia de gênero (DSM-V - Atual) e Condições relacionadas à saúde sexual (CID-11 - Atual). Bento e Pelúcio (2012, p. 570) propõem a existência da ideia de um “transsexual de verdade”, este que deve comparecer com alguns critérios específicos descritos de forma aquém de perspectivas histórico-culturais, as autoras afirmam que “Nos três documentos de referência (DSM-IV, CID-10 e SOC), as pessoas transexuais são construídas como portadoras de um conjunto de indicadores comuns que as posicionam como transtornadas, independentemente das variáveis históricas, culturais, sociais e econômicas”. (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 572) Em ambiente hospitalar, esta concepção é muito frequente e acaba por atravessar as práticas de cuidado, em que notoriamente, a pessoa trans é percebida a partir de um pressuposto de sofrimento, desadequação ou rejeição, não só corporal, mas também em relação a sua posição

¹Graduanda do curso de Psicologia Faculdade SOBRESP. E-mail: soaresfernanda.ms@gmail.com

² Graduada do curso de Psicologia Faculdade SOBRESP. E-mail: cristianeverardodecastro@gmail.com

³ Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ), Docente no Curso de Psicologia da Faculdade SOBRESP. E-mail: marcia.alves@sobresp.edu.br



subjetiva no mundo. Figueiredo (2007, p. 26) propõem que os “Cuidados não são dispensados no vácuo, os agentes cuidadores e os objetos de seus cuidados têm uma existência histórica determinada” e neste sentido, cabe refletir que toda prática de cuidado, seja ela médica ou psicológica, está crivada por significados construídos em uma determinada cultura e tempo. Dentre essas inúmeras construções, encontra-se o fator gênero, considerado por Zanello (2018, p. 19) como “um poderoso determinante social que deveria ser levado em consideração nas análises e compreensão dos processos de saúde mental pelo mundo”, ou seja, os parâmetros nos quais se baseiam definições de normal e patológico são gendrados, frutos de uma criação social em que a norma regente refere-se à padrões (cis)heteronormativos, fator que não implica somente nas práticas de cuidado, mas também nas produções de sofrimento psíquico dos indivíduos. Desse modo, no momento em que se atua em um serviço destinado à assistência da população transsexual, faz-se necessário que tais construções sociais sejam revistas de forma crítica e historicizada, sendo de grande importância a utilização de um embasamento teórico que auxilie na desnaturalização de certos significados e discursos normativos, a fim de produzir um cuidado ético e sensível às demandas desta população. Conclui-se a necessidade de que ocorra a desconstrução do padrão cisnormativo que recai na experiência de pessoas trans dentro dos serviços de saúde, bem como a de problematizar a patologização que as atravessa. Parte-se do pressuposto de que a desconstrução e desnaturalização das representações hegemônicas sobre gênero e sexualidade teriam influência sobre como se atribui sentidos aos corpos que escapam à cisgeneridade, portanto, indo na direção da construção de um cuidado que não tenha como única referência a cisgeneridade, mas a especificidade de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS:

BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012.

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, v. 11, n. 21, p. 13-30, 2007. Recuperado em 30 de outubro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. TelessaúdeRS (TelessaúdeRS-UFRGS). *Telecondutas: atendimento às pessoas transexuais e travestis na Atenção Primária à Saúde*, 2022.



ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

EMOÇÕES E SUBJETIVIDADE EM DIÁLOGO: TROCA DE EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RESILIÊNCIA PARA FAMILIARES DE PACIENTES COM TRANSTORNOS PSICÓTICOS

¹ LUIZA VITÓRIA ARGENTA BORTOLOTTI

² JULY SILVA DA SILVEIRA

³ ANA CAROLINA ZULIANI

⁴ MARCELO MOREIRA CEZAR

Introdução: O presente trabalho discute o desafio do desenvolvimento dos transtornos psicóticos, especificamente a esquizofrenia e o transtorno afetivo bipolar. Sobretudo, suas implicações nas vidas dos sujeitos com esse diagnóstico e de seus familiares. Com objetivo de mapear, na literatura, as formas de atuação no apoio emocional direcionado aos familiares que desempenham o papel de cuidado deste coletivo em sofrimento psíquico. Metodologia: Este trabalho propõe uma revisão de literatura na perspectiva de grupos terapêuticos, baseado na abordagem de grupos operativos, nas seguintes plataformas: SciELO e PePSIC. Contemplando materiais publicados nos últimos cinco anos e com as palavras chaves: Grupo, Bipolar, Esquizofrenia. Resultados: Como resultado foram encontrados 12 artigos que discutem acerca da expressão emocional, que compartilham experiências, fornecem estratégias de enfrentamento e habilidades de cuidado pessoal. Assim como consideram que a técnica de grupos neste coletivo promove um espaço seguro para melhor entendimento sobre o próprio diagnóstico e as possíveis práticas de cuidado. O grupo terapêutico busca não apenas apoiar os familiares, mas também combater o estigma e a invisibilidade enfrentados por essa população, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e empática, assim fazendo-se necessário mais estudo com a temática.

REFERÊNCIAS:

BARROSO, S. M.; BANDEIRA, M.; NASCIMENTO, E. Sobrecarga de familiares de pacientes psiquiátricos atendidos na rede pública. *Revista Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, n. 6, p. 270-277, 2007.

¹ Profissional, Psicóloga

² Discente do Curso de Psicologia, Universidade Franciscana

³ Discente do Curso de Psicologia, Universidade Franciscana

⁴ Prof. Dr em Psicologia e Docente na Universidade Franciscana

BRISCHILIARI, A.; WAIDMAN, M. A. P. O portador de transtorno mental e a vida em família. *Escola Anna Nery*, v. 16, n. 1, p. 147-156, 2012.

DOMENICI, N.; GRIFFIN-FRANCELL, C. The role of family education. *Journal of Clinical Psychiatry*, Memphis, v. 54, n. 3, supl., p. 31-34, 1993.

HATFIELD, A. B. Coping and adaptation: a conceptual framework for understanding families. In: HATFIELD, A. B.; LEFLEY, H. P. *Families of the mentally ill: coping and adaptation*. New York: Guilford, 1987. p. 60-84.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000a. (Original publicado em 1983).

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. (Original publicado em 1965 como *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*).

WINNICOTT, D. W. Atendimento de caso com crianças mentalmente perturbadas. In: WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 177-193. (Original publicado em 1959).



DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, CUIDADO E SAÚDE MENTAL FEMININA

¹ MARINA MEZOMO SOCCAL

² LETÍCIA MACHADO SPINELLI

RESUMO: Desde o nascimento, às mulheres e aos homens são atribuídos estereótipos com base no seu sexo biológico, os quais são internalizados a partir de um processo de socialização. Dentre tais estereótipos, o cuidado – materno, de pessoas e do lar – foi associado à figura da mulher em vista da capacidade de gerar vida, exclusiva do sexo feminino; por outro lado, a figura masculina ficou responsável pelo trabalho externo ao lar, com ocupações que sustentam financeiramente a família. Tal configuração é nomeada divisão sexual do trabalho. Diante desse contexto, o presente resumo tem por objetivo discorrer sobre a divisão do trabalho, bem como sobre os impactos negativos dessa estrutura na saúde mental das mulheres. A metodologia parte de um estudo de caráter qualitativo e explicativo fundamentado na literatura de autoras feministas clássicas e contemporâneas. A divisão sexual do trabalho situa as figuras masculina e feminina em lugares opostos – simultaneamente, complementares. O homem, enquanto ocupa a esfera pública, realiza um trabalho “produtivo”, isto é, político, não doméstico. A mulher, por sua vez, posicionada na esfera privada, realiza um trabalho “reprodutivo: natural, do lar. As categorias sociais como trabalho doméstico, responsabilidade afetiva, família, gênero e classe social são indissociáveis e favorecem as desigualdades sexuais e sociais quando suas nuances e efeitos nocivos não são identificados, mas, simplesmente, naturalizados. Nesse sentido, a filósofa Silvia Federici denuncia: “isso que chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago”. A divisão sexual do trabalho não somente pode impactar a saúde física das mulheres, como também a psicológica. O desenvolvimento de quadros de ansiedade, tensão, nervosismo, estresse e até mesmo depressão pode ocorrer, em decorrência do acúmulo de atividades, as quais englobam os âmbitos intra e extra-lar. Considerando o caráter multifacetado da opressão da mulher, o rompimento com a desigualdade de gênero pede e passa (embora não se restrinja) pela remodelação ou quebra dos papéis de gênero no interior da vida familiar e doméstica.

REFERÊNCIAS:

OKIN, S. M. Gênero, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, mai. 2008. Disponível em: . Acesso em: 03 nov. 2023.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Universidade Franciscana - UFN. E-mail: m.soccal@ufn.edu.br.

² Orientadora. Docente do Curso de Filosofia, Universidade Franciscana - UFN. E-mail: leticia.spinelli@ufn.edu.br

PATEMAN, C. Críticas feministas a la dicotomía público/privado. In: CASTELLS, C. *Perspectivas feministas en teoria política*. Barcelona: Paidós, 1996. p. 31-52.

SAFFIOTI, H. I. B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).

A LINGUAGEM DO CORPO E A PSICOLOGIA: CONTEXTO ESCOLAR

¹ ANA PAULA OLIVEIRA DE ANDRADES

² CAMILA TOCHETTO

³ DAIANA MAGALHÃES

⁴ MÁRCIA BARCELLOS ALVES

RESUMO: A Escola é um lugar privilegiado enquanto cenário do desenvolvimento físico e psicológico da criança. É no pátio ou em sala de aula, na escola, que a criança vai correr, pular, gritar, gargalhar, xingar, agredir, chorar e, até mesmo, se calar, se isolar e paralisar quando algo lhe atinge, e ela nem sempre vai saber dizer de onde vem tais manifestações em seu comportamento. A linguagem corporal é constituinte da criança enquanto sujeito que influencia e é influenciado pelo meio social ao qual está imersa. Winnicott (1975) esclarece que a psicanálise é uma invenção do século XIX e, o “natural”, na criança é o brincar. O “infante” é, justamente, aquele que não fala, mas brinca. Segundo o autor “no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (WINNICOTT, 1975, p. 88). O campo escolar é, ou deveria ser, o da experimentação, onde as brincadeiras, os jogos, as ginásticas e as danças são apresentadas como possibilidades da manifestação da expressão corporal, como cultura corporal de movimento, vinculada pelo(a) professor(a) a um objetivo, sendo a escola, por excelência, o celeiro que conduz ao desenvolvimento de muitas habilidades, especialmente nos anos iniciais, em que “a criança busca experiências a partir de seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal” (ROSSI, 2012, p. 02). A Psicologia Escolar exige do psicólogo um preparo amplo e diversificado, já que transita entre a Psicologia clínica e a Psicologia organizacional. Reflexo de uma organização social numa instituição hierarquizada e resistente a mudanças, o(a) profissional de Psicologia Escolar atua “como um catalizador de reflexões, um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõem a instituição” (ANDALÓ, 2012, p. 46). São comuns as queixas da falta de atenção, dispersão, desinteresse, apatia, agitação, notas baixas, aprendizagem deficitária, agressividade, rebeldia e relacionamento difícil e/ou conflituoso entre professor(es) e aluno(s) e os alunos entre si. É possível pensar que isso diga respeito também a como a Escola vem lidando com a necessidade de movimento do corpo infantil, com as expressões corporais que são a ação expressada para fora de algo que, ainda, não se pode dizer em palavras. Sendo assim, poderia a psicomotricidade complementar essa engrenagem contribuindo com o complexo,

¹ Autora e acadêmica do Curso de Psicologia. Faculdade SOBRESP.

¹ Co-autora e acadêmica do Curso de Psicologia. Faculdade SOBRESP.

³ Co-autora e acadêmica do Curso de Psicologia. Faculdade SOBRESP.

⁴ Professora Orientadora. Faculdade SOBRESP.

mesmo em tenra idade, sujeito humano? Essa pergunta (e suas reverberações) foi o eixo central deste estudo. As buscas bibliográficas foram realizadas na base de dados PubMed e Google Acadêmico. Os termos de busca incluíram “Psicomotricidade”, “Psicologia Escolar”, “desenvolvimento da linguagem” e “linguagem corporal”, além de pesquisa em livro sobre psicomotricidade. Corroborando no processo de desenvolvimento e aprendizagem, a psicomotricidade, como ciência que estuda o homem e seu movimento corporal em contato com seu mundo interno e externo, tem no corpo a ferramenta que dá origem as aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. O médico, psicólogo e pedagogo Henry Wallon (1879-1962), “em 1925, ocupou-se do movimento humano dando-lhe uma categoria fundante como instrumento na construção do psiquismo. (...) estuda a relação entre motricidade e caráter (...) permite relacionar o movimento ao afeto, à emoção, ao meio ambiente e aos hábitos da criança. (...) para esse autor, o conhecimento, a consciência e o desenvolvimento geral da personalidade não podem ser isolados das emoções” (LEVIN, 1995, p. 25). Dessa forma, Wallon fundamentado em sua teoria, supostamente, possibilitou de maneira pioneira a visibilidade científica para a psicomotricidade, fornecendo seus registros sobre o desenvolvimento neurológico do recém-nascido e da maturação psicomotora da criança. Impulsionado por Wallon, o psiquiatra Julián de Ajuriaguerra, cerca de 25 anos mais tarde, por volta de 1950, obteve um campo mais definido de pesquisa para a área, intentando, tanto representatividade na saúde, quanto na educação. Esteban Lewin, psicomotricista, psicanalista e professor de educação física, apresenta-nos “do que a psicomotricidade se ocupa?”, a resposta imediata “do corpo em sua globalidade”; ou seja, em três dimensões, a instrumental, a cognitiva e a tônico-emocional” (LEVIN, 1995, p. 44). A psicomotricidade promove dentro da escola um ambiente de inclusão, possibilitando de forma construtiva o desenvolvimento integral junto ao processo de aprendizagem. Analisando o contexto geral de nosso sistema atual de educação, bem como, todas as queixas e necessidades colecionadas durante anos, acredita-se na possibilidade de uma reestruturação da dinâmica. Por que não uma iniciativa a partir do apoio especializado da Psicologia Escolar somada a um espaço psicomotor para “analisar, decifrar, para permitir que o sofrimento que a criança vivencia em seu corpo seja desdobrado” (LEVIN, 1995, p.45). Por que não uma abertura ao movimento corporal como ferramenta do ensino e de aprendizagem e de socialização entre os pares? A Psicologia Escolar, como agente de mudança, como catalizadora de reflexões e conscientizadora de papéis, pode auxiliar o processo de transformação deste ambiente, entrelaçando os professores numa empreitada de troca de experiências entre eles e colaborando para a construção de ideias fantásticas, exercícios e materiais reunindo duas, três ou mais áreas do conhecimento.



REFERÊNCIAS:

ANDALÓ, C. S. A. *O papel do psicólogo escolar*. Publicação nesta coleção 23 Out 2012. Data do Fascículo 1984. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-98931984000100009>. Acesso em 01 out. 2023.

LEVIN, E. O desenvolvimento psicomotor diante da modernidade. *Estilos clin.*, SP, v. 5, n. 8, p. 147-155, 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 out. 2023.

LEVIN, E. *A clínica psicomotora: o corpo na linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROSSI, F. S. Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012* Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade*. RJ: Imago, 1975.



FATORES DE RISCO AMBIENTAIS E COMPORTAMENTAIS PARA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

¹ VITOR CASASSOLA MIGOTTO
² FREDERICO REY ROSSIGNOLO

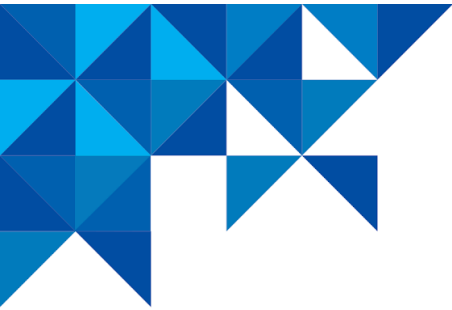
A vulnerabilidade social é um conceito complexo, abrangendo critérios como distribuição de renda, qualidade de serviços, educação e saúde, que afeta uma parte desfavorável da população em relação a outros grupos. A interface entre vulnerabilidade social e saúde mental está relacionada a menor qualidade de vida advinda da condição desfavoráveis dessa população. A adolescência, uma fase de desenvolvimento marcada por mudanças psicológicas, fisiológicas e sociais, torna os jovens mais suscetíveis a comportamentos de risco, especialmente quando associados a fatores ambientais desfavoráveis. Compreendendo a importância dessa relação, este trabalho tem o objetivo de investigar quais os fatores de risco ambientais e comportamentais para a saúde mental de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social existentes. Para identificar os fatores de risco ambientais e comportamentais que afetam a saúde mental de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, foi realizada uma revisão de literatura narrativa. A pesquisa se baseou em um conjunto de estudos relevantes que abordam a interseção entre vulnerabilidade social, saúde mental e adolescência. Entre os fatores de risco ambientais para a saúde mental de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, destacam-se: baixa renda, alta carga horária de trabalho precário, privações materiais e afetivas familiares. Já os comportamentos de risco mais comuns na adolescência incluem o uso de drogas, álcool, tabaco ou cigarro, conduta antissocial, comportamentos sexuais de risco, comportamento suicida e condutas autolesivas, comportamento alimentar de risco, prática inadequada de atividades físicas, comportamento de risco no trânsito, evasão e abandono escolar. Portanto, os fatores de risco ambientais em contexto de vulnerabilidade social, juntamente com os comportamentos de risco na adolescência, podem levar a consequências duradouras na vida adulta.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, K. T.; ALVES, P. B.; AMPARO, D. M. D.; FRAJORGE, K. C. Fatores de risco na adolescência: discutindo dados do DF. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 16, p. 377-384, 2006.

¹ Bacharel em psicologia pela Faculdade SOBRESP, vitorcasassolamigotto@gmail.com

¹ Bacharel em psicologia pela Faculdade SOBRESP, fredericorey7@gmail.com



MARTINS, M. D. I. F.; COSTA, H. F. D. S. da. Saúde mental em contexto de vulnerabilidade social. *Educação: Saberes e Prática*, v. 8, n. 1, 2019.

SCOTT, J. B.; ABREU PROLA, C. de; SIQUEIRA, A. C.; PEREIRA, C. R. R. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Revista*, v. 24, n. 2, p. 600-615, 2018.

SOUZA, L. B. D.; PANÚNCIO-PINTO, M. P.; FIORATI, R. C. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 27, p. 251-269, 2019.

TONIN, C. F.; BARBOSA, T. M. A interface entre saúde mental e vulnerabilidade social. *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, v. 11, n. 3, p. ág-50, 2017.

ZAPPE, J. G.; ALVES, C. F.; DELL'AGLIO, D. D. Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos. *Psicologia em Revista*, v. 24, n. 1, p. 79-100, 2018.

CASA DE PASSAGEM NO CUIDADO EM REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

¹ LAURA OSÓRIO GAZOLA
² RENATA SALBEGO ANHALT
³ TAINARA OLIVEIRA ANDREETI

Este trabalho trata-se de um relato de experiência na Casa de Passagem para Adultos - Mundo Novo, realizado através de um estágio supervisionado do qual o objetivo era o psicodiagnóstico e a ampliação dos conhecimentos sobre a clínica ampliada e suas adversidades, bem como prestar acolhimento para os usuários deste serviço. No Brasil, a assistência pública ao cuidado em saúde mental é estruturada na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com arranjos de serviços para oferta de cuidado contínuo de acordo com cada necessidade. Dentro dessa rede está a Casa de Passagem, que possui o propósito de amparar e auxiliar principalmente pessoas que estão em situação de rua, em áreas importantes de sua vida, o lugar possui regras pré-estabelecidas e profissionais qualificados, operando na maneira de suporte psicossocial para pessoas em situação de rua, as quais se caracterizam por utilizarem os locais urbanos como abrigos ou a inserção de locais abandonados (NORONHA, 2023). Prioritariamente, fazem parte desta situação social também quem faz o uso de substâncias psicoativas como *crack*, álcool e outras drogas, sendo geralmente um dos fatores que levam determinados indivíduos a fazerem da rua sua moradia, como também a falta de oportunidades das quais acometem desde a infância, ou seja, muitos se desenvolveram em um ambiente familiar conflituoso e/ou com poucos recursos financeiros (BRASIL, 2008). Os cuidados ofertados na Casa de Passagem Mundo Novo ocorrem com atendimentos, acolhimentos e uma abordagem com os moradores juntamente do psicólogo da casa, desta forma é possível ter uma maior compreensão sobre suas demandas. Os acolhimentos são realizados, na maioria das vezes, na medida em que um acolhido tem alguma questão para ser tratada com os profissionais da casa, para assim ocorrer o encaminhamento ao Serviço de Assistência Social Álcool e Drogas (CAPS AD), internação, busca do auxílio emergencial, medicamentos ou oportunidades de emprego. Assim, percebe-se que os usuários do serviço necessitam de auxílio fazendo com que se torne possível a tentativa de alcançar a reintegração tanto na sociedade, no contexto

¹ Graduação em Psicologia, Faculdade SOBRESP, lauraosoriogazola@gmail.com

² Graduação em Psicologia, Faculdade SOBRESP, renata.anhaltpsico@gmail.com

³ Psicóloga, Mestre em Psicologia (UFSM), Docente na Faculdade SOBRESP, tainaraoandreeti@gmail.com



familiar, quanto no mercado de trabalho. A partir da Reforma Psiquiátrica e da constituição de políticas públicas sobre drogas, essa questão passou a ser pensada como questão de saúde pública. Torrel e Romanini (2022) propõe que práticas em saúde mental nesse contexto vêm sendo pensadas em dois grandes modelos, o asilar e o da atenção psicossocial, este último se organiza no sentido de que o indivíduo em sofrimento não seja isolado e sim reinserido na vida em sociedade. Com intuito de promover a reabilitação, na casa de passagem Mundo Novo é oferecido oportunidades com a finalidade de o indivíduo presente na residência desenvolver sua autonomia, onde o indivíduo recebe apoio social e cuidado sem se manter institucionalizado ao serviço, preservando sua autonomia. Da mesma forma, é disponibilizado um ambiente onde eles possam ter condições básicas de sobrevivência, como água, comida, saneamento básico, local apropriado para dormir, medicamentos, a realização de documentos e a tentativa de inserção no mercado de trabalho. Um desafio nesse contexto geralmente é a violação dos direitos humanos, os serviços apesar de cumprirem sua função para reabilitação psicossocial e inclusão na comunidade tem fragilidades na questão de atender aos padrões de qualidade para proteção e respeito pelos direitos humanos (BOSKA et al., 2022). Sendo assim, a Casa de Passagem também se dedica em ajudá-los a compreender os direitos que todos os seres humanos possuem, lutando em conjunto para que estes não sejam violados em virtude da exclusão social e da discriminação. Por fim, com esta experiência e estudo, foi notável a grande importância do Serviço das Casas de Passagem na RAPS, contribuindo para a Saúde Coletiva acessando aqueles em situação de rua, compreendendo sobre fatores relacionados à vulnerabilidade social e ampliando o escopo da prática clínica.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Governo Federal. Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inclusaoouts/aa_div_ersos/Pol.Nacional-Morad.Rua.pdf. Acesso em: 04 out. 2023.

BOSKA, G. D. A.; OLIVEIRA, M. A. F. D.; SEABRA, P. R. C. Acolhimento integral em Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas na perspectiva da proteção dos direitos humanos. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 2417-2426, 2022.

JORGE, B. Entrevistado por Morris Kachani. *O Estado de S. Paulo*, 2021. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/inconsciente-coletivo/o-horror-e-o-belo-a-psicanalise-com-os-moradores-de-rua>. Acesso em: 04 out. 2023.

NORONHA, J. Prefeitura Municipal de Santa Maria. Prefeitura oferta 100 leitos em casas de passagem para pessoas em situação de rua de Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/21319-em-novo-endereco-casa-de-passagem-desenvolve-oficinas-de-promocao-de-direitos-e-de-resgate-social>. Acesso em: 04 out. 2023.

TORREL, E. H.; ROMANINI, M. A lógica das redes, modos de atenção e práticas de cuidado em saúde com usuários de álcool e outras drogas. *Barbarói*, p. 239-258, 2022.



O USO DA TCC PARA INTERVENÇÃO COM GRUPOS EM ESCOLAS

¹ RENATA SALBEGO ANHALT

² BÁRBARA MARIA BARBOSA SILVA

As intervenções no âmbito escolar relacionadas à saúde mental vem ganhando espaço, visto que podem impactar significativamente o desempenho acadêmico e desenvolvimento dos alunos. Para a aplicação dessas práticas, muito tem-se utilizado a Terapia Cognitiva Comportamental em Grupos (TCCG), pois estudos a respeito do uso dessa abordagem evidenciam que ela apresenta elevada eficácia e efetividade (NEUFELD, et al., 2017). Pois as características da TCCG de possuir grupos homogêneos, estruturados e com tempo limitado ou definido, auxiliam a torna-los mais eficientes (BIELING; MCCABE; ANTONY, 2008). As sessões de Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) individual já eram estruturadas para cada encontro para tornar o processo mais compreensível e maximizar o uso do tempo destinado a terapia (BECK, 2013). Nesse sentido, quando se procurou organizar como seria a estrutura da sessão em grupo da TCC, seguiu-se a mesma proposta e buscou-se realizar encontros grupais estruturados, geralmente baseados em protocolos e cronograma preestabelecidos (NEUFELD et al., 2017). Dentre os diversos temas em saúde mental, destacam-se a importância em intervenções que tenham como foco desenvolver e aprimorar o reconhecimento das emoções que se caracteriza pela capacidade de perceber a emoção do outro e aceitar sentimentos diferentes dos seus, por meio do aprofundamento no modelo cognitivo e de reestruturação cognitiva (JAGER, et al., 2021). Ao observar e compreender a demanda escolar, é possível adaptar técnicas e estratégias da TCC para desenvolver a regulação emocional de alunos no ambiente escolar. Dessa forma, a TCC se mostra adequada para a promoção de saúde mental na escola (FAVA; MARTINS, 2016), e o uso dessas técnicas são úteis para o desenvolvimento da TCCG no âmbito escolar. Portanto, este estudo se refere a um relato de experiência do Estágio Básico I realizado em uma escola de Santa Maria. O objetivo deste estudo é observar como o uso da TCC pode ser eficiente para práticas em grupos com diferentes demandas escolares favorecendo um ambiente de apoio, compreensão e recursos para ajudar os alunos a lidar com desafios emocionais, na medida em que auxilia na regulação emocional ao aumentar o reconhecimento das suas emoções e assim possibilitar uma promoção de saúde mental. As intervenções tiveram períodos limitados e definidos para ocorrerem, principalmente para não interferir na rotina escolar dos alunos. Geralmente ocorrera em um período de aula, que tem tempo de duração entre 40 a 50 minutos, destinado à intervenção grupal com os alunos. Além disso, os grupos de

¹ Graduação em Psicologia, Faculdade SOBRESP, renata.anhaltpsico@gmail.com

² Psicóloga, Mestre em Psicologia, Docente na Faculdade SOBRESP, barbara.silva@sobresp.edu.br

intervenção em sua maioria foram em turmas, o que favorece a homogeneidade da composição do grupo, pois os membros das turmas têm faixas etárias, demandas e características de desenvolvimento similares. Cada encontro de TCCG teve foco em apresentar material ou tema específico sobre a regulação emocional que é o objetivo do grupo, o que garantiu o seguimento do protocolo de intervenção. Isso permite definir previamente as temáticas de cada encontro adaptando para os participantes em questão, favorecendo o planejamento terapêutico no qual o terapeuta pode equipar-se de materiais, que podem ser questionamentos, *brainstorm*, vídeos, materiais impressos e imagens, para auxiliar sua prática e impulsionar a participação do grupo. No contexto escolar, estruturar as metas e objetivos do grupo bem como determinar de antemão os temas são aspectos importantes para melhor utilizar o tempo e evitar assuntos que desviem do foco grupal para garantir abordagens mais adequadas para cada grupo. Pois ao seguir uma sequência de protocolo de intervenção traz benefício no planejamento de longo prazo para o grupo. E a partir disso, pode-se incluir no cronograma técnicas específicas conforme novas demandas que possam vir a surgir no grupo, como por exemplo: intervenções específicas com técnicas para automutilação, transtornos alimentares, entre outros. Sugere-se o uso de técnicas da TCCG para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais para o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais e diminuir os comportamentos desafiadores para aplicação em contexto escolar e buscar a ampliação do escopo da prática. Assim, mais estudos são necessários para determinar a eficiência da aplicação das intervenções da TCC em escolas visto que se mostra promissora nesse contexto.

REFERÊNCIAS:

BECK, J. S. *Terapia Cognitivo-Comportamental: teoria e prática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BIELING, P. J.; McCABE, R. E.; ANTONY, M. M. *Terapia cognitivo-comportamental em grupos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

JAGER, M. E.; TORRES, I. E.; FREITAS, L. I.; SANTOS, S. S. dos. Abordagem cognitivo-comportamental na escola: possibilidades de intervenção. *Aletheia*, v. 54, n. 1, p. 105-112, 2021.

NEUFELD, C. B.; MALTONI, J.; IVATIUK, A. L.; RANGÉ, B. P. Aspectos técnicos e o processo em TCCG. In: NEUFELD, C. B.; RANGÉ, B. P. (Orgs.). *Terapia cognitivo-comportamental em grupos*. Porto Alegre: Artmed, 2017. p. 33-56.

FAVA, D.; MARTINS, R. Contribuições da abordagem cognitivo comportamental para a atuação do psicólogo e professor na escola. In: FAVA, D. (Org.). *A prática da Psicologia na*



escola: introduzindo a abordagem cognitivo-comportamental. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2016. p. 15-46.



SAÚDE MENTAL NA INFÂNCIA E SUAS PROBLEMÁTICAS EM CONTEXTO BRASILEIRO

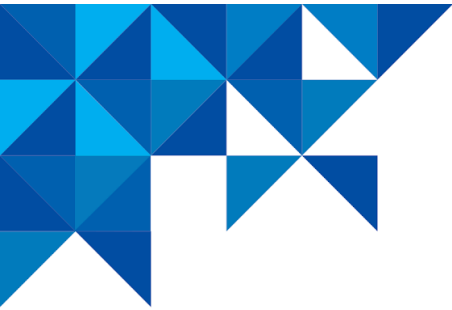
¹ FREDERICO REY ROSSIGNOLO

² VITOR CASASSOLA MIGOTTO

Dentro do contexto da Psicologia, o cuidado com a saúde mental na infância é apresentado como um dos grandes alicerces para a formação de um cidadão com autonomia e dignidade no ambiente social. No entanto, é necessário considerar que as pessoas e grupos que constroem uma sociedade possuem pluralidades que demandam atenção específica, principalmente quando suas vozes e rostos nem sempre recebem o olhar devido pelos seus semelhantes ou do poder público. Entre estes indivíduos, as crianças, ainda inexperientes e com complicações para expressar suas próprias sensações aos pais e responsáveis. Desta forma, o trabalho tem como objetivo identificar e verificar aspectos do grupo e o que aumenta a invisibilidade dos problemas do universo infantil. Com esta perspectiva, buscou-se, através de uma pesquisa de revisão de literatura narrativa que contemplou estudos de 2019 a 2023, analisar os estudos sob o contexto brasileiro a partir dos eixos “Saúde Mental”, “Vulnerabilidade Social”, “Criança”, “Infância” e “Infantil”. A falta de atenção especializada e de informações confiáveis causa insegurança e a distorção dos conceitos presentes ou não de transtornos mentais, ocasionando a medicalização como meio de solução rápida para os problemas e a figura do médico como agente de respostas definitivas. Acrescenta-se a discussão a Portaria Nº 3.088, que institui a criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), voltada a ampliação de estratégias para com o cuidado de pessoas com transtornos mentais e necessidades que provém da dependência de álcool, crack e outras drogas. Na literatura e bases de dados acadêmicos, foram registradas pesquisas etnográficas e sociodemográficas com coletas de dados feitas com entrevistas semiestruturadas com a intenção de compreender o funcionamento de programas sociais e a participação da escola no desenvolvimento humano durante a infância, assim como uma pesquisa de relato de caso de integrantes de Unidades da Saúde da Família (USF) para a análise dos significados dos transtornos mentais na infância. Registrou-se também a problemática da Pandemia da Covid-19 na saúde mental infantil devido a sua vulnerabilidade. Notou-se um baixo volume de produções acadêmicas sobre a temática da saúde mental infantil em situações de vulnerabilidade social, o que denotou que embora seja um assunto pertinente, ainda carece de maior aprofundamento. Propõe-se como oportuno os estudos de políticas públicas voltadas a saúde mental infantil não meramente sob a ótica da individualidade da criança, mas dos processos sociais que a cercam e produzem as desigualdades que perpetuam ao longo de gerações.

¹ Bacharel em Psicologia, Faculdade SOBRESP. E-mail: frederico.rey.rossignolo@gmail.com

² Bacharel em Psicologia, Faculdade SOBRESP. E-mail: vitorcasassolamigotto@gmail.com



REFERÊNCIAS:

BRASIL. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, 2011.

BRESSAN, R. A.; ESTANISLAU, G. M. *Saúde Mental na Escola: O que os Educadores Devem Saber*. Porto Alegre: Artmed, 2014.



"Desvendando os Labirintos do Saber"

¹ BILLY JACKSON DE MOURA FLORES

² MÁRCIA BARCELLOS ALVES

Este estudo procura explorar como o conceito psicanalítico de inconsciente se manifesta no contexto da aprendizagem escolar, destacando a interligação entre processos cognitivos e afetivos e questionando a divisão tradicional entre esses aspectos. A pesquisa parte da premissa de que o inconsciente se expressa silenciosamente em nossas ações e palavras e que as chamadas "formações do inconsciente", propostas por Sigmund Freud, são ativas e determinantes em nossas vidas. Isso contrasta com corrente da ciência psicológica que estabelecem distinções entre as dimensões afetiva e cognitiva de um sujeito em ambientes de aprendizagem. Para tanto, foram pesquisados artigos sobre essa temática nas bases SciELO e PePSIC, nas quais foram selecionados 3 estudos considerados relevantes para a pesquisa. A seleção destacou aqueles que focavam estritamente e no papel do inconsciente no contexto ensino-aprendizagem. Os artigos selecionados foram lidos, primeiramente, em sua introdução para fins de identificação geral sobre suas temáticas. Posteriormente, partiu-se para a leitura minuciosa de cada um deles a fim de revisar o que falavam sobre a relação afeto-cognição, a teoria psicanalítica e o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, ao examinarmos a teoria psicanalítica do inconsciente, é plausível inferir que o inconsciente se manifesta de maneira silenciosa por meio de nossas ações. Essa é uma característica distintiva desta instância psíquica delineada por Sigmund Freud: O inconsciente revela-se no que dizemos e fazemos. Isso deixa evidente que é inócua a distinção que algumas interpretações da Psicologia e algumas Teorias da Aprendizagem fazem entre o ser "afetivo" e o "cognitivo". Trabalhos como 'Afeto e cognição: uma leitura psicanalítica' (RAMOS; MAGGI, 2012) deixam isso bem evidente quando, após uma reflexão sobre o papel da identificação na expressão simbólica de um sujeito, alicerçada no prazer e no interesse, constata que "aprender" simboliza um desprendimento do sujeito à sua condição de desconhecimento e uma aventura no enfrentamento de desafios que o crescimento pessoal exige. Ou seja, a cognição está envolta em um processo de afetivo constituído de renúncia à acomodação cognitiva e coragem frente às informações desconhecidas. Percebe-se que é exatamente isso que a psicóloga psicanalista Marta D'Agord, em seu estudo intitulado 'O Inconsciente na Sala de Aula' (D'AGORD, 2002), constata em seu experimento realizado com crianças de 11 anos de idade e seus diálogos trocados com seus professores. Nele, ao analisar as manifestações inconscientes evidenciadas em chistes e devaneios por alteridade, um

¹ Aluno Psicologia da SOBRESP. E-mail: billyjacksonmoura@gmail.com

² Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ), Professora na SOBRESP. E-mail: marcia.alves@sobresp.edu.br



desses alunos intervêm a uma cadeia de novos conhecimentos, a qual estava sendo construída por seus colegas, produzindo um chiste; chiste este que visa, segundo a análise da autora, furtar seu desconforto frente às novas realidades que, para ele, não possuíam nenhuma significação. Percebe-se aqui que o cognitivo (aquisição de uma nova informação) é diretamente influenciado pelo afetivo, na medida em que o chiste é produzido em resposta a uma explicação que lhe causa desconforto por desconhecê-la; exatamente como o estudo de Maria Beatriz Jacques Ramos e Noeli Reck Maggi havia postulado teoricamente. Somam-se a isso trabalhos teóricos como 'Freud: contribuições acerca da aprendizagem e suas implicações educacionais' (LIRA; ROCHA, 2012) que aborda a compreensão do processo ensino-aprendizado dos professores e alunos sob a luz dos postulados freudianos. Sua principal contribuição foi sua constatação de que não há aprendizagem sem relação entre o indivíduo e o Outro. Isto é, aprender não é um processo de mera aquisição de informações, mas um ambiente constituído também pela relação afetiva entre aqueles ensinam e os que aprendem. Para tanto, as autoras lançam mão do conceito de transferência, segundo o qual um professor é, em si, apenas um objeto depositário pelo qual o desejo do aluno optou; isto é, conquanto “transferir” seja imputar um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo, fica evidente a relação afetiva gerada no “sistema” aluno-mestre. As autoras ainda exemplificam tal influência com eventos recorrentes como o do aluno que “resolveu” fazer letras pois seu professor de ensino médio ou fundamental lhe despertou esta “vontade”. Assim, de acordo com os trabalhos analisados, pode-se observar que há uma interligação discursiva entre os processos cognitivos e afetivos nos contextos de ensino-aprendizagem, uma interligação que não pode ser negligenciada pelas teorias de aprendizagem e pela psicologia. O inconsciente, os desejos e a formação psíquica dos indivíduos sempre permanecerão como elementos intrínsecos que influenciam suas atitudes em relação à aquisição de conhecimento, à discussão desse conhecimento adquirido e à apresentação do conhecimento debatido.

REFERÊNCIAS:

D'AGORD, M. O inconsciente na sala de aula. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 155–174, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100011>

LIRA, J.; ROCHA, J. Freud: contribuições acerca da aprendizagem e suas implicações educacionais. *Vínculo*, 9(2), 39-43, 2012. Recuperado em 26 de outubro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000200007&lng=pt&tlng=pt.



RAMOS, M. B. J.; MAGGI, N. R. Afeto e cognição: uma leitura psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, (37), 63-69, 2012. Recuperado em 26 de outubro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100006&lng=pt&tlng=pt.



PRÁTICAS FORMATIVAS EM PSICOLOGIA NO DESAFIO DO PRIMEIRO ESTÁGIO CLÍNICO

¹ MARIANA SARI CARPES

² IAGO MACHADO DO AMARAL

³ JÉSSICA COSTA MACHADO

Introdução: O estágio supervisionado curricular clínico é um processo de suma importância na formação do psicólogo. Espera-se que neste, por sua vez, os alunos desenvolvam habilidades tanto práticas como teóricas, com base em pressupostos técnicos, éticos e científicos que provêm dos recursos ofertados pelo processo de ensino aprendizagem ao longo da formação em psicologia (BORGES; NARDINO; AMARAL, 2022; LIMA; AZEVEDO; LIMA; MAGALHÃES, 2023; SILVA NETO; LIMA, 2019). Em especial nos primeiros atendimentos, os acadêmicos precisam enfrentar uma diversa gama de sentimentos e emoções que entrelaçam tal experiência nova em suas vidas (DIEGUEZ, 2019; LIMA; AZEVEDO; LIMA; MAGALHÃES, 2023). Esse processo é visto pelos estudantes como complexo, onde dificuldades e lacunas não verificadas anteriormente precisarão ser melhor amparadas nesse processo de aprendizado (DIEGUEZ, 2019; SILVA NETO; LIMA, 2019). São os professores os mediadores dessas intervenções didático-pedagógicas que fazem a diferença no período preparatório dos estudantes (SILVA; MACEDO, 2022). Dessa maneira, torna-se importante a elaboração de um planejamento pedagógico efetivo para os acadêmicos, com qualidade técnica que auxiliem tais futuros profissionais na preparação que antecede o primeiro estágio, assim como no primeiro atendimento clínico em psicologia. **Objetivo:** Evidenciar práticas docentes pedagógicas em psicologia que podem auxiliar os estagiários no que se refere aos os desafios enfrentados por estes na clínica escola. **Método:** Trata-se de um relato de experiência vivido entre os meses de agosto e setembro de 2023, na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil, no campus de Santa Maria, por uma docente do, compreende-se que quadro efetivo da instituição. O trabalho apresenta práticas pedagógicas utilizadas no processo preparatório- formativo de estagiários da clínica escola durante o primeiro estágio. Pautado na apresentação de uma narrativa científica de acordo com passos propostos por Daltro & Faria (2019) para a construção do presente Relato de Experiência. **Resultados:** Por se tratar de um relato de experiência do percurso metodológico da

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Câmpus Santiago - marianacarpes01@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA Câmpus Santa Maria – iago.m.amaral@gmail.com

³ Professora do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA Câmpus Santa Maria – jessica.cmachado@ulbra.br

intervenção se configura por meio das ações que foram realizadas no campo. Assim, as principais atividades desenvolvidas foram: questões técnicas quanto ao funcionamento do estágio; construção da ficha de anamnese acolhimento aos estagiários e compartilhamento dos sentimentos do psicoterapeuta diante do primeiro paciente; roda de conversa sobre os principais medos e angústias dos alunos frente ao primeiro atendimento; estudos de caso reais compartilhados pelos alunos; e role play diante de pacientes considerados difíceis pelos acadêmicos. Dessa maneira, realizou-se um primeiro encontro para falar a respeito de todas as questões de funcionamento da clínica escola e protocolos de atendimento. Em um segundo momento buscou-se orientar os estagiários a construção da ficha de anamnese conceituando a importância desse documento para a prática clínica. Posteriormente, foram discutidas questões sobre o impacto do primeiro atendimento e sentimentos que os profissionais podem sentir no setting terapêutico. Assim, abriu-se espaço para o próximo encontro onde os estagiários puderam explicar a respeito de seus medos e ansiosos diante de questões teóricas e técnicas para essa primeira experiência de estágio. Foi realizado um encontro onde os alunos trouxeram questões visualizadas por eles como problemáticas em seus ciclos de convivência, e assim uma roda de conversa aconteceu no intuito de discutir posicionamentos e questões teóricas e técnicas diante das situações apresentadas. No último encontro que antecedeu o início das práticas do estágio, os acadêmicos simularam atendimento psicológico. Através da utilização das fichas de anamnese construídas anteriormente pelos alunos, eles encenaram paciente/ psicoterapeuta no role play de atendimento de casos considerados difíceis. A prática que antecedeu ao início do primeiro contato com os pacientes deu suporte e manejo suficiente para os acadêmicos, visto que todos conseguiram realizar o primeiro atendimento ao final das intervenções pedagógicas, relatando terem se sentido seguros e encorajados para tal atividade. Além disso, dúvidas teóricas e técnicas puderam ser aparadas antes do primeiro contato com o paciente, dando assim maior direcionamento aos acadêmicos. Conclusão: Intervenções pedagógicas voltadas ao preparo dos estudantes para a atuação em estágio clínico são extremamente colaborativas na formação em psicologia. Percebe-se uma significativa melhora no desempenho dos estagiários, tendo efeitos positivos no exercício da prática clínica. Sugere-se, que outras instituições também utilizem de forma protocolar esse método prévio, proporcionando benefícios aos acadêmicos.

REFERÊNCIAS:

BORGES, T. S.; NARDINO, L. T.; AMARAL, E. A. *Estágio clínico supervisionado em terapia cognitivo-comportamental: relato de experiência*. FAG Centro Universitário, ago 2022. Disponível em: <https://www4.fag.edu.br/anais-2022/Anais-2022-80.pdf> Acesso em: 26 out. 2023.

DIEGUEZ, A. O estágio em psicologia na perspectiva do estagiário. *Repositório UNICEUB*, v. 1, n. 1, p. 8-22, mar. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/12817> Acesso em: 25 out. 2023.

LIMA, A. B. C; AZEVEDO, R. L. W. DE; LIMA, F. L. A.; MAGALHÃES, R. S. R. A influência da formação acadêmica e os desafios da atuação profissional de psicólogos clínicos recém formados. *Sociedade de Pesquisa e Desenvolvimento*, v. 12, n. 8, ago 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373105320_A_influencia_da_formacao_academica_e_os_desafios_da_atuacao_profissional_de_psicologos_clinicos_recem-formados Acesso em: 26 out. 2023.

SILVA NETO, W. M. DE F.; LIMA, C. P. Estágio curricular supervisionado em psicologia: aspectos legais, potencialidade e desafios para a formação do psicólogo. *Laplage em Revista*, v. 5, n. 1, p. 19-29, abr. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6813191> Acesso em: 25 out. 2023.

SILVA, N. O. DA; MACEDO, G. F. C. DE. Formação crítico-reflexiva nos estágios em psicologia no Brasil: uma revisão de literatura narrativa. *Revista Sul Americana de Psicologia*, v. 10, n. 1, p. 23-46. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Nadia-Oliveira-10/publication/362482149_Formacao_criticoreflexiva_nos_estagios_em_psicologia_no_Brasil_uma_revisao_de_literatura_narrativa/links/62ec1a5d45322476937cf12f/Formacao-critico-reflexiva-nos-estagios-em-psicologia-Brasil-uma-revisao-de-literatura-narrativa.pdf Acesso em: 06 nov. 2023.



PSICANÁLISE NO SUS: A ESCUTA COMO DISPOSITIVO PARA PROMOÇÃO DE SAÚDE

¹ CRISTIANE VERARDO DE CASTRO

² FERNANDA MORAES SOARES

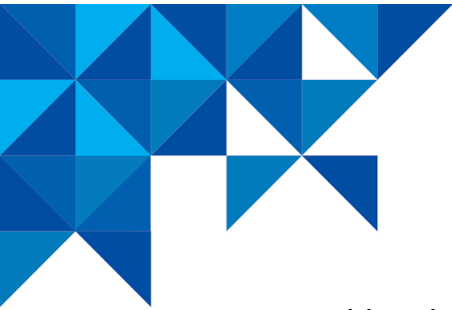
³ MÁRCIA BARCELLOS ALVES

O presente trabalho visa explanar a respeito dos atravessamentos entre Psicanálise e Saúde Pública por meio da vivência de Estágio Básico II em uma policlínica municipal de saúde mental localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, objetivando refletir sobre a viabilidade da prática psicanalítica em contexto de atenção secundária (média complexidade) no Sistema Único de Saúde (SUS). Organizações públicas são regidas por sistemáticas burocráticas como fluxogramas de processos, hierarquização de serviços e prioridade de atendimento. Pensando na orientação do caso a caso que propõe a psicanálise, de que forma criar possíveis diálogos entre diferentes lógicas? Sigmund Freud (2021), em caráter de recomendação, a partir de seu escrito intitulado “Sobre o Início do Tratamento” (1913) discorre: “Pontos importantes no início do tratamento analítico são as determinações referentes a tempo e dinheiro.” (p. 125) Contudo, por tratar-se de um serviço gratuito, não há tratativas monetárias, então se não é pago com dinheiro, com o quê se paga? A realidade do serviço é de uma imensa fila de espera (e conseqüente tempo elevado de espera para acolhimento), e que, após a entrada do usuário na policlínica, no período que o usuário está usufruindo do serviço, sua presença ou ausência é de responsabilidade do usuário, este que “escolhe” permanecer ou não no serviço, sendo que duas faltas não justificadas acarretam no seu desligamento do processo. O tempo pode ser pensado como sendo de grande valia neste contexto, visto que no serviço público não há quantidade suficiente de profissionais para suprir a imensa demanda (OLIVEIRA et al., 2014). Em vista disso, a realidade do serviço exige estratégias para tentar diminuir o volume da lista de espera e conseqüente tempo que o usuário permanece aguardando acolhimento. Mecanismos como terapias de grupo e quantidades pré definidas de sessões, por exemplo, auxiliam neste sentido. Na policlínica em questão, há um movimento de criar a cultura de terapias de grupo, a qual permite o atendimento de um maior número de usuários em comparação com a terapia de caráter individual, esta que convencionou-se ter a quantidade máxima de quinze sessões, podendo ter o período estendido, a depender do caso. Outro ponto

¹ Graduanda do curso de Psicologia, Faculdade SOBRESP, e-mail: cristianeverardodecastro@gmail.com

² Graduanda do curso de Psicologia, Faculdade SOBRESP, e-mail: soaresfernanda.ms@gmail.com

³ Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ), Professora na Faculdade SOBRESP, e-mail: marcia.alves@sobresp.edu.br



a ser considerado, levantado por Victor & Aguiar (2011) é em relação ao lugar de sujeito suposto saber, que, por parte do usuário, pode não situar de fato o analista nesta posição, e sim outro profissional da equipe, o que não invalida os efeitos do tratamento. Durante o período de estágio no serviço, na posição de coterapeuta, pode observar diversas ausências de usuárias em sessões de grupoterapia, onde a falta (até uma desistência) instiga a reflexão dos motivos para sua ocorrência, que abre um leque de suposições, mas que pode estar relacionado com não ter sido estabelecido uma relação transferencial com a figura do analista ou da instituição, com o espaço, com a equipe ou até mesmo com outros membros do grupo. A respeito do questionamento inicial referente a prática de uma condução caso a caso, em meio a burocracia, referencio Silva et al. (2015, p. 2) que em sua escrita utiliza o termo "Psicanálise extramuros" no sentido de pensar uma prática psicanalítica fora do setting de uma clínica privada, onde "não basta a mera transposição do saber clínico, havendo a necessidade de recriar continuamente a prática." (SILVA et al., 2015, p. 3) Em vista disso, se faz possível sim o exercício da psicanálise em clínica ampliada, pois "A escuta da singularidade marca a prática analítica, garantindo a transmissão do discurso psicanalítico. É isso o que operacionaliza o discurso analítico no espaço particular e no público." (MEYER, 2016, p. 111) Não existem "duas psicanálises", da clínica privada e da saúde pública, a escuta psicanalítica é para todas e todos. (OLIVEIRA et al., 2014) Figueiredo (2007) explana a respeito de inúmeras condutas de cuidado que não necessariamente tem a finalidade de pensar um "bem estar da unidade somato-psíquica do indivíduo" (p. 15) mas que suscitem um sentido por meio deste cuidado à pessoa que o recebe. Saindo de uma lógica saúde-doença, os indivíduos que adentram os serviços de saúde como "portadores de psicopatologias", são, antes de tudo, sujeitos que têm direito a uma escuta não rotuladora, uma escuta cuidadosa, uma escuta como meio para possibilitar saúde.

REFERÊNCIAS:

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, 11(21), 13-30, 2007.

FREUD, S. *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Obras Incompletas de Sigmund Freud (1856-1939). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2021.

MEYER, G. R. A psicanálise na instituição de saúde mental. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11(22), 108-121, 2016.

OLIVEIRA et al. A clínica psicanalítica no âmbito da saúde pública. *Akrópolis*, 22(1), 69-80, 2014.

SILVA et al. *Psicanálise e Saúde Pública: Construindo Possibilidades*. Anais da V Jornada de Pesquisa em Psicologia da UNISC: diálogos interdisciplinares, Brasil, 2015.



VICTOR, R. M.; AGUIAR, F. A Clínica Psicanalítica na Saúde Pública: Desafios e Possibilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (1), 40-49, 2011.

CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NA PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS

¹ RITA DE CÁSSIA ROCHA DOS SANTOS

² VANESSA DOS SANTOS NOGUEIRA

Este estudo apresenta uma reflexão a partir da relação do brincar com a psicoterapia, considerando o desenvolvimento do vínculo no processo terapêutico e a utilização da ludoterapia para trabalhar o desenvolvimento da socialização. O trabalho caracteriza-se como qualitativo, realizado a partir de uma revisão de literatura sobre a temática. Winnicott (1975) como um dos principais autores pensou o lúdico através do brincar como um instrumento de intervenção potente, pois através deste processo se chega a subjetividade da criança, ao seu universo psíquico. A psicoterapia torna-se, então, fundamental para que se possa melhorar os índices de desenvolvimento humano, já que ela tem a capacidade de promover o autodesenvolvimento, podendo melhorar a expectativa de vida. Tomando como base um desenvolvimento emocional saudável, teremos um bebê sem complicações ou limitações físicas, que foi acolhido por um ambiente estável e por uma mãe capaz de reconhecer suas necessidades e entrar em sintonia com ele, sem que isso traga muito sofrimento para si. A mãe que consegue desenvolver essa capacidade é denominada por Winnicott (1982) de *mãe suficientemente boa* e o ambiente propiciado por ela será denominado *ambiente facilitador*. Essa mãe vai fornecer naturalmente as provisões necessárias para que o bebê - tido aqui como um *vir a ser* dotado de uma tendência inata ao desenvolvimento - consiga se constituir como uma unidade que continuará sua jornada partindo da dependência absoluta para a dependência relativa, seguindo rumo à independência. Assim, Winnicott coloca o desenvolvimento humano como uma jornada cuja estrela guia é a independência jamais atingida, como o navegante que guia seu barco pela estrela sabendo que jamais a alcançará (BRETT, 1998). É bom recordar que o brincar é por si mesmo uma terapia (WINNICOTT, 1975). Portanto o lúdico através do brincar torna-se o meio pelo qual o psicólogo pode se utilizar para estreitar laços, ganhar confiança, pois permite a liberdade de criação, estabelece vínculo, facilita a transferência possibilitando que a terapia possa ser exercida. Neste sentido, Callia (2020) diz que o brincar possibilita múltiplas experiências sensoriais, cognitivas, emocionais e sociais. Em relação ao seu viver social, o brincar cumpre com o papel importante na medida que auxilia a socialização e inserção da criança no espaço social que vive. O brincar segundo Winnicott (1975) se apresenta com possibilidades de criar, de colocar um tom pessoal na experiência, de rearranjar campos de experiência. Não apenas demonstrar a pretensão narcísica, mas entrelaçar a realidade com o desejo. Portanto, o trabalho com atividades lúdicas buscam

¹ Graduada em Psicologia - Faculdade SOBRESP

² Aluna Curso de Psicologia - Faculdade SOBRESP

compreender as necessidades e estágios de cada criança e adolescente, o escopo das atividades buscam compreender as emoções, despertar habilidades, promover as interações, capacidades físicas, intelectuais, emocionais e sociais, uma vez que através da interação lúdica que a criança sente se em liberdade de expressar, onde neste brincar, sua individualidade e sua subjetividade emerge expressando em seu modo de comportar se. Para Winnicott (1975) a brincadeira é universal e promove a saúde, pois desenvolve a criança no crescimento, nos relacionamentos com os outros e consigo mesmo, sendo inclusive uma forma de psicoterapia. Considerada como algo natural da criança, a psicanálise compreendeu a importância do brincar e o aperfeiçoou a fim de promover a melhor relação terapeuta-criança. Ossona (1988) diz que a dança também remete a uma forma lúdica e através da interação com o corpo que passa a existir, e é justamente este corpo que interage com o mundo externo. Todo o ser vivo se move, e também e pelo seu mover que o inconsciente aparece, pois muitas ações de movimento são instintivas e por ela o homem se comunica. Neste sentido Nasio (2009) afirma que o desejo do homem de se comunicar com o outro passando pela interação do outro, e o corpo passa a ser um meio de comunicação, pois não é só um amontoado de carne, mas é algo psíquico que encerra todas as vivências do sujeito por ele sentidas. Portanto, utilizar o brincar e a dança como forma de intervenção lúdica possibilita ir ao encontro do mundo psíquico da subjetividade da criança, favorecendo para comunicação tanto consigo quanto com os outros. O corpo da criança está em pleno desenvolvimento e constantemente em relação com o que rodeia, com o seu ambiente, portanto é através do brincar que a criança se apropria e aprende sobre o mundo externo, formando seu conteúdo psíquico.

REFERÊNCIAS:

CALLIA, M. M. M. No caminho da transciocidade: brincando criando o mundo. In: GUELLER, A. S; SOUZA, A. S. **Psicanálise com crianças: Perspectivas Teórico-clínicas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2020.

NASIO, J. D. *Meu corpo e suas margens*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OSSONA, P. *A educação pela dança*. 4ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.